

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

Gianne Ribeiro Pereira

O índio, o malandro e o agregado: Leituras do Brasil em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum

Campinas

2013

Gianne Ribeiro Pereira

O índio, o malandro e o agregado: Leituras do Brasil em *Dois irmãos*, de Milton
Hatoum

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos
da Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a obtenção
do título de Bacharel em estudos Literários.

Orientador: Prof^a Dr^a Daniela Birman

CAMPINAS

2013

Para minha mãe, tradução do amor incondicional, como retribuição por ter me ensinado a batalhar por meus sonhos, mesmo quando estes diferiam de seus, por ter me ensinado da melhor forma possível, o exemplo, valores como respeito, dignidade e caráter, com os quais cheguei até aqui. E, acima de tudo por não ser apenas mãe, mas amiga e companheira fiel.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o caminho percorrido muitas pessoas colaboraram de diferentes formas e eu gostaria de reconhecer a presença fundamental daqueles sem os quais eu não teria chegado até aqui.

À minha mãe, por sua exigência constante, e cujos olhos mostravam-me que eu podia ir além. Agradeço pela presença leal e por ter sabido equilibrar admiravelmente o carinho e a disciplina.

A meu pai, pelo esforço em proporcionar a mim muito do que lhe faltou, batalhando para a minha formação.

À minha irmã, professora e mestre, pelo orgulho inspirado em mim, exemplo no qual me miro.

A meu noivo, exemplo de luta e persistência, por toda a compreensão e apoio ao longo deste trabalho.

À Daniela Birman, minha orientadora, por toda a dedicação, paciência e aconselhamento; e por ter contribuído consideravelmente para o meu crescimento profissional desde o início do curso.

À Lúcia Ricotta e Jefferson Cano por terem aceitado participar de um momento fundamental em minha formação. A este último, também pelas observações feitas durante o trabalho, bastante relevantes para o desenvolvimento deste.

A tantos amigos, que preencheram minha vida de cuidado, carinho, admiração, apoio e confiança: Julia Kusminsky, Louise Pavan, Jéssica Sallasa, Caroline Mott, Talita de Almeida, Sarah Dethloff, Paulo Vitor Salvador, Eduardo Pereira, Eliane Perazza, Laura Mendes, Glaucia Yabiku e Ronaldo Rodrigues.

A Deus, por ter colocado cada um de vocês em meu caminho.

RESUMO

O romance *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, narra a história da desintegração de uma família de origem libanesa estabelecida em Manaus, provocada pelo constante e agudo conflito entre os dois filhos gêmeos do casal. Em meio à trama narrada, destacam-se algumas personagens, principalmente pela alusão a figuras e tipos sociais recorrentes na literatura brasileira, como o “índio”, o “malandro” e o “agregado”. O presente trabalho tem por objetivo examinar estas personagens centrais, propondo a leitura de um diálogo entre elas e aquelas de outras obras consagradas da literatura brasileira, principalmente do século XIX. Desse modo, ao longo do estudo pôde ser lida a construção da figura do índio por um viés crítico, aparentemente questionando a imagem heroica criada para este no período romântico. A narrativa dialoga também, nesse contexto, com questões fundamentais que atravessam a nossa literatura, como a formação e a identidade do brasileiro. Em relação ao agregado, Hatoum parece retomar a figura para tratá-la diferentemente do usual, conferindo-lhe maior espaço e liberdade. Outros personagens podem ser lidos como alusões às figuras do malandro e do migrante, também dialogando com outras narrativas. Propõe-se, ainda, uma leitura alegórica referente à opção política de cada gêmeo, mas evitando aderir a uma análise maniqueísta que não identifica o fundo de semelhança existente entre os personagens.

Palavras-chave: Milton Hatoum, *Dois irmãos*, literatura brasileira contemporânea, agregado, índio.

ABSTRACT

The novel *Dois irmãos* (2000), by Milton Hatoum, tells the story of the disintegration of a Lebanese family established in Manaus, caused by the constant and acute conflict between the two twin sons of the couple. Within the plot narrated, some characters stand out, mainly by reference to figures and social types applicants in Brazilian literature, such as the “Indian”, “rascal” and “aggregate”. The present study aims to examine these central characters, aiming to the reading of a dialogue between them and those of other consecrated works of Brazilian literature, mainly of the 19th century. Thus, the construction of the figure of the Indian could be perceived throughout the study and a critical view, apparently questioning the heroic image created for this in the romantic period. The narrative also dialogs, in this context, with fundamental issues that cross our literature, such as the formation and the Brazilian identity. In relation to the aggregate, Hatoum seems to resume the figure to treat her differently than usual, giving it more space and freedom. Other characters can be read as allusions to “rascal” and figures of migrants, also in dialogue with other narratives. It also proposed an allegorical reading concerning the political choice of each twin, but avoiding adhere to a Manichean analysis that identifies the bottom of similarity exists between the characters.

Keywords: Milton Hatoum, *Dois irmãos*, contemporary Brazilian literature, aggregate, Indian.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Domingas.....	12
2.1.A figura do índio na literatura brasileira: do heroísmo à marginalidade ...	12
2.2.Domingas: um coletivo marginalizado	16
3. Yaqub e Omar	22
3.1.Diálogos mitológicos	22
3.2.Alegoria política	23
3.3.Diferentes valores, mesmo saldo	25
3.4.O exilado, o imigrante e o migrante	33
3.5.O malandro	39
3.6.O[s] imigrante[s]	47
4. Nael	49
4.1. Contexto histórico da figura do agregado	49
4.2. O agregado na literatura brasileira	51
4.3. As relações entre o agregado e seu mantenedor	54
4.4. O dependente ganha voz	60
4.5. A “brasilidade” de Nael	64
5. Conclusão	67
6. Referências bibliográficas	69

1. INTRODUÇÃO

Ao se examinar o romance *Dois irmãos* (2000), escrito por Milton Hatoum, pode-se reconhecer em seus personagens a alusão a uma série de figuras e tipos sociais recorrentes na literatura brasileira, tais como o “malandro”, o “agregado” e mesmo o “índio”. Nesse âmbito é possível não só ler as personagens em sua menção a estas figuras e tipos de brasileiros, mas também, nas entrelinhas, um viés crítico e um diálogo com questões que atravessam boa parte da história da nossa literatura.

Na trama elaborada em *Dois irmãos* o autor traz a história de uma família de origem libanesa, imigrante na Amazônia, composta pelas seguintes personagens: Zana, a matriarca; Halim, o patriarca; Yaqub e Omar, os gêmeos primogênito e caçula, respectivamente; e Rânia, a caçula da família. Vivem com eles Domingas, uma empregada, e Nael, seu filho e narrador do romance.

O diálogo estabelecido entre os tipos sociais recorrentes na literatura brasileira e aqueles recriados por Hatoum – provavelmente a partir da leitura de textos seminais de nossa literatura e crítica, aliados à experiência de vida do autor – pode ser percebido com destaque na figura dos irmãos gêmeos e também na de Nael e de Domingas. Os primeiros têm suas personalidades contrapostas pela opção política e econômica, podendo ser lidos como alusões à figura do migrante e à do malandro; enquanto os últimos pertenceriam ao grupo dos agregados, dialogando com um considerável número de romances e, principalmente com o texto “Ideias fora do lugar” (SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, SP: Duas cidades/Editora 34, 2012).

A história contada em primeira pessoa narra dois tempos distintos do passado: o tempo vivido pelo narrador, ou seja, lembrado, e o tempo contado ao narrador, reconstruindo um passado anterior a sua existência. Desta forma, o romance engloba desde 1914, quando o pai da matriarca Zana se instalou com ela ainda jovem no Brasil, até a época da ditadura militar. Neste contexto, a narrativa traz como pano de fundo a história do século XX e, conseqüentemente, episódios como o Ciclo da Borracha – cujo auge ocorreu na virada do século XIX para o XX e atraiu imigrantes para o Norte do país, região de intensa extração do látex – e o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-45), como pode ser lido nos trechos abaixo:

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. (HATOUM, 2006, p.32)

Mateiro [Adamor] na época da guerra, quando navios e aviões norte-americanos navegavam por águas e céus do Amazonas. Tempo de poderosos cargueiros e hidroaviões. Traziam tudo, levavam borracha para a América. Então, num dia de 1943, um Catalina desviou-se da rota do Purus. (HATOUM, 2006, p.124)

Outro trecho mostra mais especificamente o contexto da imigração de orientais e outros povos para o país:

Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. (...) Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo (...) (HATOUM, 2006, p.36)

Aos sábados caminhava [Yaqub] até a ladeira Porto Geral e a rua 25 de Março, entrava nos armarinhos e nas lojas de tecidos; ouvia a conversa dos imigrantes árabes e armênios e ria sozinho, ou se amargurava ao lembrar da infância no bairro portuário de Manaus, onde escutara aqueles sons. (HATOUM, 2006, p.81)

E ainda neste contexto histórico, o livro também enfoca a crescente industrialização de São Paulo: “Halim não teve tempo de recusar a ajuda providencial. Uma boa amostra da indústria e do progresso de São Paulo estacionou diante da casa” (HATOUM, 2006, p.97); “A outra extremidade do Brasil [São Paulo] crescia vertiginosamente, como Yaqub queria” (HATOUM, 2006, p.78).

Englobando este longo período temporal, o romance se centraliza em uma família estabelecida em Manaus, cidade de encontro dos rios Negro e Solimões, desaguardo no Amazonas. Viver na capital amazonense implica a convivência com uma multiplicidade de elementos diferenciados em decorrência do porto ali construído, no qual desembarcavam não só mercadorias, mas também costumes, culturas, línguas e religiões diferentes trazidos em grande parte por imigrantes:

Quando voltaram ao Biblos, Zana sugeriu ao pai que viajasse para o Líbano, revisse os parentes, a terra, tudo. Era o que Galib queria ouvir. E partiu, a bordo do *Hildebrand*, um colosso de navio que tantos imigrantes trouxe para a Amazônia. (HATOUM, 2006, p.42)

O tema da imigração é de importância fundamental no romance, permitindo uma leitura da narrativa a partir de discussões recorrentes, como a da formação e da identidade do brasileiro. Ainda neste caminho destacam-se as figuras dos gêmeos Yaqub e Omar, cuja convivência com culturas distintas é intensa, já que nasceram na Amazônia, mas têm contato direto com a cultura libanesa trazida do Oriente pelos pais imigrantes. No âmbito da religião a situação não é diferente: desde cedo os irmãos convivem com mais de uma crença, pois o pai era muçulmano e a mãe, cristã maronita. Ou seja, a temática da fusão entre as culturas brasileiras e as estrangeiras em território nacional aparece no romance, contribuindo para a leitura do diálogo entre a narrativa e outras obras também consagradas da literatura brasileira, as quais abordam semelhantes questões.

Como foi visto, a figura dos gêmeos é construída de modo bastante complexo, permitindo um leque de interpretações. No trabalho serão analisadas as personalidades de Yaqub e de Omar, observando as aparentes diferenças e uma semelhança de fundo; as opções políticas, a partir das quais se propõe uma leitura alegórica, referente à posição de cada um deles em relação à ditadura militar instaurada no país; e as escolhas econômicas. Com relação a esta última, as diferenças possibilitarão a leitura do primogênito, Yaqub, como “migrante”, enquanto Omar pode ser lido como “malandro”, dialogando com diversas obras ficcionais de nossa literatura.

Alterando o foco para o exterior da casa principal deparamo-nos com a índia Domingas, empregada da família, e seu filho Nael, narrador do romance. A primeira personagem remete-nos imediatamente às narrativas indígenas, principalmente aquelas do período conhecido como Romantismo. O diferente modo pelo qual a índia é criada nos permite interpretar a figura como um questionamento acerca da usual construção da figura do indígena na literatura romântica brasileira; já a posição ocupada por ela na casa a insere no grupo dos agregados, dialogando com o já citado texto “Ideias fora do lugar”, de Roberto Schwarz, no qual o grupo é analisado. Porém, a agregada Domingas também se diferencia de muitos personagens deste grupo criados em nossa literatura, principalmente no que se refere à relação entre agregados e provedores. A relação entre

Domingas e os donos da casa se pauta na excessiva submissão, podendo ser confundida, portanto, com a relação de servidão, confusão que não ocorria com a maioria dos agregados criados na literatura do século XIX ¹.

Já Nael, filho bastardo de um dos patrões com a empregada, potencializaria a discussão acerca do agregado em decorrência do modo diferenciado pelo qual é tratado quando comparado a outros agregados presentes na literatura brasileira. Em outro nível de leitura Nael poderia ser considerado o “símbolo do brasileiro”, retomando a discussão acerca da nossa identidade.

Desta forma, a partir da construção destas personagens, a narrativa dialogaria com visões populares e costumeiras da realidade brasileira e com leituras feitas por obras consagradas da literatura nacional, relendo e questionando a tradição, na medida em que cria figuras e personagens frequente naquelas, mas sob novas perspectivas. Paralelamente, a obra pode ser inserida em discussões recorrentes na literatura nacional, como a referente à “identidade” do brasileiro e às dualidades que atravessam o país (CECCARELLO, 2011, p.10). Em uma narrativa ficcional com uma densa história – sobre a qual a presente análise é apenas uma das possibilidades de leitura – é revelada a capacidade de Hatoum em unir diferentes fios, em diferentes esferas, formando apenas um tecido.

¹ Ao estudar a sociedade latifundiária brasileira do século XIX, particularmente a região do Vale do Paraíba, Maria Sylvia Franco (FRANCO, 1974, p.14) mostra como o uso da mão de obra escrava foi uma escolha, já que havia homens livres em número suficiente para desempenhar o trabalho: “(...) uma das mais importantes implicações da escravidão é que o sistema mercantil se expandiu condicionado a uma fonte externa de suprimento de trabalho, e isto não por razões de uma perene carência interna (efetiva de início) de uma população livre que poderia virtualmente ser transformada em mão-de-obra” (p.14). Estes homens livres foram mantidos à margem do sistema produtivo e constituíram um grupo cujas relações com os proprietários de terra eram baseadas no favor. Desse modo, eles não se confundiam com os escravos, já que eram formalmente livres, mas dependiam do compadrio e da troca com os senhores de terras, constituindo o grupo dos agregados. Tratava-se assim de outra forma de dominação: “Esta situação deu origem a uma formação *sui generis* de homens livres e expropriados, que não foram integrados à produção mercantil. (...) numa sociedade em que há concentração dos meios de produção, onde vagarosa, mas progressivamente, aumentam os mercados, paralelamente forma-se um conjunto de homens livres e expropriados que não conheceram os rigores do trabalho forçado e não se proletarizaram” (FRANCO, 1974, p.14).

2. DOMINGAS

2.1. A figura do índio na literatura brasileira: do heroísmo à marginalidade

(...) a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade.

(ARISTÓTELES, *Arte poética*)

Para Milton Hatoum (“Laços de parentescos: ficção e antropologia”, 2005), apesar de a criação literária ser fruto da livre imaginação do escritor, sua experiência de vida e outros elementos da realidade são, na maioria das vezes, fundamentais para a concepção de uma narrativa. Sua personagem Domingas, uma índia empregada da família central de *Dois irmãos*, teria sido criada a partir de “afinidades e distanciamentos entre literatura, antropologia e experiência” (idem, *ibidem*, p.84), em decorrência da convivência do autor com ribeirinhos e índios tanto em Manaus, lugar de seu nascimento, quanto em suas viagens para o Alto do Rio Negro em 1976 e 1979:

(...) como se trata de um personagem, ela é dotada de certos atributos, ideias, sonhos e particularidades, que eu fisguei, em parte da literatura, em parte da minha experiência. A livre mistura desses bocados foi fruto da imaginação, que, em última análise, dá contorno e substância à personagem (idem, *ibidem*, p. 83)

A presença de Domingas em sua narrativa permite a inserção de sua obra na discussão acerca da construção da figura do índio na literatura brasileira, pois é inevitável compará-la a outros índios criados ao longo da nossa tradição literária, considerando a importância histórica de tal figura e sua presença recriada em diversas narrativas ficcionais. Porém, ao confrontar tais figuras, conclui-se a existência de mais diferenças do que semelhanças.

Como se sabe, o índio apareceu intensamente na literatura nacional no período conhecido como “indianista”, durante o Romantismo. Influenciados pela Europa, na qual os cavaleiros medievais foram resgatados e considerados como heróis, os brasileiros precisavam também encontrar em seu passado alguém para enaltecer. Além de não existirem cavaleiros na curta existência até então vivida pelo Brasil, buscava-se

algo que reafirmasse as características próprias do país recém-proclamado independente. Estas particularidades culminaram na preocupação com a identidade da nação “devido à necessidade de elaboração de uma consciência nacional que, afastando o risco da assimilação cultural, inspirasse no povo o sentimento de identidade, fundamental para o processo de auto-afirmação” (BALDO, 2006). Na busca por um elemento genuinamente brasileiro os românticos encontraram os índios, integrantes dos primeiros grupos conhecidos a habitarem as terras posteriormente denominadas Brasil.

Idealizado, o índio foi apresentado pela literatura nacional como herói. Esta visão pode ser percebida na poesia indianista de Gonçalves Dias, como é mostrado no trecho abaixo, da obra *I-Juca-Pirama*:

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!
(DIAS, 1998, p. 379)

E também na prosa de José de Alencar, principalmente no romance *O guarani*. A história é centrada no amor entre Ceci, menina branca e rica, e Peri, um índio que abandona espontaneamente sua tribo e, conseqüentemente, sua família, para se dedicar exclusivamente à família de Ceci. Ao final da narrativa, sua conversão – também espontânea – ao cristianismo é seguida por seu batismo. A forte interação existente entre Peri e a natureza permite que ele salve a menina branca em mais de um momento, podendo ser considerado o herói do romance. Porém, como será mostrado posteriormente, o romance hatoumniano parece desconstruir este heroísmo do índio, questionando os pilares sobre os quais ele fora construído.

Em outro romance de Alencar, *Iracema*, a índia homônima se mostra indiferente a sua tribo ao traí-la oferecendo o segredo da Jurema para um português branco pelo qual se apaixonou e ao qual se entregou, sem se importar com o fato de ele ser um invasor em suas terras. Ao final da trama Iracema morre após dar a luz a um filho fruto do relacionamento ilegítimo entre os dois. A morte da índia evidencia a impossibilidade da sobrevivência do índio na relação entre os dois povos, pois apenas Martim, o português, e Moacir, o filho miscigenado, sobrevivem.

Algumas interpretações leem na narrativa um diálogo com a questão da formação dos brasileiros, povo originado basicamente da mistura do índio nativo com o invasor europeu, na visão de alguns românticos como José de Alencar. Neste caminho, Moacir funcionaria como símbolo dos brasileiros e, nas palavras de Luiza Baldo:

[Alencar] construiu personagens que seriam a idealização dos tipos formadores da nação brasileira, elegendo o índio como o símbolo da origem de nosso povo. Em seu romance indianista *Iracema* (anagrama de América), da união entre a “formosa índia” Iracema e o “nobre guerreiro português” Martim, nasce Moacir (o filho da dor), que simbolizaria a origem da raça brasileira. (BALDO, 2006, p.2)

Apesar de o brasileiro poder ser lido no romance como o resultado da fusão entre os dois povos, índio e português, na leitura alegórica proposta é interessante observar não só a morte de todo um grupo, mas principalmente a escolha desta morte: Iracema se relacionou com um inimigo de sua tribo por livre e espontânea vontade, consciente do risco ao qual expunha todo o seu povo.

Como se pode notar, a figura do índio não só passou a ser usada como símbolo do brasileiro em um primeiro momento, mas foi de modo geral idealizada, conferindo a tal raça o papel de herói nacional: um povo que abdicou da própria cultura em toda a amplitude englobada por tal termo (modo de vida, religião, costumes) e até mesmo de sua vida em prol da vida de outro povo. Porém, esta imagem idealizada do índio criada na literatura romântica nem sempre foi mantida, talvez por não corresponder à realidade, já que muitas tribos indígenas sofreram um processo de aculturação, imposição da conversão e até genocídio por parte dos brancos, resultando em uma população indígena atual de apenas “800 mil índios, cerca de 0,4% da população brasileira, segundo dados do Censo 2010” (FUNAI):

O processo de colonização levou à extinção muitas sociedades indígenas que viviam no território dominado, seja pela ação das armas, seja em decorrência do contágio por doenças trazidas dos países distantes, ou, ainda, pela aplicação de políticas visando à “assimilação” dos índios à nova sociedade implantada, com forte influência europeia.

Embora não se saiba exatamente quantas sociedades indígenas existiam no Brasil à época da chegada dos europeus, há estimativas sobre o número de habitantes nativos naquele tempo, que variam de 1 a 10 milhões de indivíduos. (FUNAI, “Há 500 anos”, in *Índios do Brasil*)

No que tange a estas criações do período romântico (século XIX) Domingas diferencia-se por não ter seu lado indígena exaustivamente enaltecido, analisado e explorado ao longo da trama, como nos casos citados acima. Desta forma, a empregada não será lida como uma retomada das ideias românticas, nas quais prevaleciam tais características, mas será aproximada de criações do movimento conhecido como Modernismo, no século XX. Neste, o índio aparece já vivendo em um mundo citadino e industrializado, como acontece com *Macunaíma*, de Mario de Andrade. Apesar de Macunaíma e Domingas terem sua origem em uma tribo, ambos são apresentados aos leitores em sua vivência urbana, tendo sido envolvidos no modo de vida típico das grandes cidades.

Seguindo esta leitura, Hatoum se oporia à visão romântica idealizadora ao criar a empregada, “uma índia ‘aculturada’” (“Laços de parentesco: ficção e antropologia, 2005, p.85), obrigada a abandonar sua tribo e a se converter, após ser levada a um colégio de freiras. Apesar de Domingas ser uma personagem fictícia, Hatoum pôde em sua permanência em Manaus testemunhar a violência sofrida por mulheres como ela, tiradas de suas famílias forçosamente:

São João, o povoado às margens do Jurubaxi, onde ela nasceu e de onde foi levada para Manaus, é um lugar que existe. E o internato para meninas órfãs onde morou em Manaus, também existe. Ainda está lá, com suas religiosas que “educam” e transmitem os valores da “civilização” às caboclas e índias pobres ou miseráveis que são enviadas do interior do Amazonas para a capital. Domingas é uma delas. (HATOUM., 2005, p. 85)

O escritor parece optar, em *Dois irmãos*, por focar o lugar atual da personagem (na cidade, numa situação de dependência em relação a outras classes) em detrimento de sua origem, ainda que aquele guarde relações com esta. A partir desta escolha, Domingas pode ser lida não só como a representação de grupos indígenas marginalizados e aculturados, mas como a representação de todo um grupo à margem da sociedade, composto também por escravos libertos e seus descendentes, por exemplo. Assim, a personagem partilha características não apenas com os índios “civilizados”, ou seja, que perderam seu espaço de origem, mas com um grupo muito maior: aquele de homens livres à margem do mercado de trabalho assalariado, para os quais também não há lugar na sociedade. Estas pessoas socialmente excluídas constituem o grupo dos

dependentes, tipo analisado por Roberto Schwarz no texto “Ideias fora do lugar”, como será melhor exposto no terceiro capítulo.

2.2. Domingas: um coletivo marginalizado

Domingas é apresentada ao leitor como a empregada da casa, em Manaus, onde moram Halim, o patriarca; Zana, a matriarca; Rânia, filha do casal, e os gêmeos univitelinos Yaqub e Omar, centro da trama conflituosa. Aos poucos o leitor vai tendo acesso à história de sua vida, quando sua origem indígena é explicitada. O lugar ocupado pela personagem não é claramente percebido em um primeiro olhar, devido à ambiguidade do tratamento da mesma pelos donos da casa. A relação de proximidade e intimidade da empregada com eles é evidente no trecho a seguir, referente ao retorno de Yaqub, o gêmeo primogênito, após passar cinco anos no Líbano, afastado da família. Sua reação ao adentrar a casa, após tantos anos, é assim narrada:

“Onde está Domingas?”, e [Rânia] viu o irmão caminhar até o quintal e abraçar a mulher que o esperava. Entraram no quartinho onde Domingas e Yaqub haviam brincado. Ele observou os desenhos de sua infância colados na parede: as casas, os edifícios e as pontes coloridas, e viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregava como se ela fosse sua mãe e não a empregada. (HATOUM, 2006, p.17)

A relação entre o garoto e a empregada é notadamente íntima, a ponto de Domingas ocupar, inicialmente, o lugar de ama, para não dizer mãe, de Yaqub. Os dois têm um nível de afeto e carinho recíproco nem sempre existente entre patrões e empregados. Quando Yaqub se torna um homem, Domingas chega mesmo a viver um pequeno caso amoroso com ele.

A própria Zana, mãe dos gêmeos, mostrava-se também bastante próxima da empregada em determinados momentos, como durante as rezas:

“As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.” (HATOUM, 2006, p.48)

Os trechos acima reproduzidos do romance *Dois irmãos* demonstram a existência de uma relação amistosa entre a empregada e Zana, a dona da casa; um carinho semelhante ao de uma mãe com seu filho, entre aquela e o gêmeo primogênito; além do respeito normalmente existente entre pai e filha também poder ser reconhecido na relação com Halim ao longo do romance. Um leitor observador perceberá também o local onde mora Domingas: um quarto no terreno da casa da família, tendo contato constante com todos os membros desta. Ou seja, Domingas não dormia dentro de casa, mas morava no mesmo terreno, com a família; comia da mesma comida e relacionava-se com eles de maneira relativamente próxima. Tais fatos aliados à chegada da empregada na residência quando menina, em outras palavras, aliados à vivência de parte do crescimento de Domingas na casa com Halim e Zana, tendo teto e alimento em troca de trabalho – cuidava da casa, da comida, dos filhos da patroa e do que mais fosse necessário – torna possível a leitura de sua personagem como uma agregada da casa, figura já analisada por Schwarz. A natureza da relação entre agregados e provedores é justamente a relação de troca e, no presente caso, percebe-se nitidamente esta: teto e alimento em troca de trabalho, pois apesar de Domingas ser referida como empregada, não há menção ao recebimento de salário, dias de descanso ou férias.

Porém, olhando mais atentamente para a relação de troca, esta começa a parecer um pouco injusta, colocando em dúvida o lugar de Domingas, pois além de a mesma não ter salário, pode-se considerar sua liberdade como uma falsa autonomia, já que sem condições financeiras para abandonar a casa é obrigada a viver conforme as regras impostas. Tais fatos aliados a uma série de outros indícios dados ao longo da narrativa permitem ler as condições de vida da empregada como análogas às da escravidão. Outros fatores contribuem para esta interpretação, como a ausência de férias e de qualquer dia de folga semanalmente, levando-a a suplicar por liberdade, cansada de viver apenas para a casa e para a família, mostrando-se sufocada:

Domingas, a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. "Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu [Nael] lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na

morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (HATOUM, 2006, p.50)

Depreende-se do trecho acima não só o esgotamento físico da empregada, mas principalmente o psicológico. Sem descanso, Domingas não podia se dedicar à própria vida ou à do filho, tampouco conseguia exercer seu direito de escolha sobre si mesma. Este fato pode ser percebido no início da narrativa quando é revelado o passado de Domingas e, nas entrelinhas, o modo como chegara à casa de Halim e Zana:

Entraram na sala, onde havia mesinhas e cadeiras de madeira empilhadas num canto. "Tudo isso pertencia ao restaurante do meu pai", disse a mulher, "mas agora a senhora pode levar para o orfanato." Irmã Damasceno agradeceu. Parecia esperar mais alguma coisa. Olhou para Domingas e disse: "Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha". Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. (HATOUM, 2006. p.57)

Como pode-se perceber a freira entrega Domingas, uma criança, em troca de objetos e de um envelope cujo conteúdo não é revelado, mas fica subtendido. É como se a empregada tivesse sido comprada, levando o leitor imediatamente a associar a situação à coisificação do ser humano, como mostra Daniela Birman:

Tendo aceitado a “oferta”, a mais nova “patroa” não esqueceu de fazer uma espécie de doação às freiras. E embora a relação de troca da índia pela quantia em dinheiro não seja explícita - ainda mais se considerarmos a religiosidade de Zana, que, desse modo, poderia ter o hábito de contribuir com as obras das religiosas – é possível ler no romance a existência de tal vínculo que configuraria de modo claro a condição escrava de Domingas, transformada em objeto de compra. (BIRMAN, 2008, p.33)

A compra de um ser humano como ocorria na época da escravidão aparece aqui aparentemente disfarçada em doação para a igreja e para o orfanato, pois a troca pode facilmente ser lida como uma troca comercial, evidenciando a proximidade da situação de Domingas àquela vivida por escravos.

Esta questão do tratamento de Domingas como objeto é reafirmada na fala exasperada de Yaqub quando, em um momento de explosão nervosa, ele questiona o limite da necessidade de mimar o irmão, Omar, dizendo para vender tudo para pagar seus caprichos e, se for preciso, vender até Domingas: “Mimem esse crápula até ele

acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!” (HATOUM, 2006, p.93). A fala dele merece crédito, pois normalmente as verdades fluem em momentos de raiva, quando o filtro exercido pela razão se rompe.

Ainda em relação à semelhança com a escravidão pode-se citar a violência física sofrida por Domingas, quando esta é estuprada por Omar, ou seja, não tem sua vontade e dignidade respeitadas, sendo não só fisicamente, mas também psicologicamente violentada. Apesar de ser tratada como objeto nestes e outros momentos Domingas não denuncia a atitude do Caçula, não se nega a atender aos caprichos de Zana, não reivindica direitos como salário e férias e também não abandona a casa. Ela suporta, se submete e se deixa humilhar. Este comportamento é justificado pela dependência de Domingas, que, sendo retirada de sua tribo ainda criança, não tem para onde ir ou para quem pedir socorro, sendo obrigada a permanecer na casa para manter o sustento não apenas seu, mas principalmente de seu filho, oscilando entre as posições percorridas até o momento, sendo “meio escrava, meio ama” (HATOUM, 2006, p.50) e, como sugerimos, meio agregada.

A alusão direta à escravidão ocorre também em *Relato de um certo Oriente*, primeiro romance do autor, no qual há uma empregada em condições similares às de Domingas: Anastácia Socorro. Neste livro, Donner, amigo da família central da narrativa, descreve a posição das empregadas, estabelecendo relações de semelhança com a escravidão: “Aqui reina uma forma estranha de escravidão. A humilhação e a ameaça são o açoite; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e as golilhas.” (HATOUM, 1989, p. 88).

De fato, Anastácia Socorro apresenta várias semelhanças com Domingas. Também abusada por alguns filhos dos donos da casa, a personagem tem sua posição de escrava denunciada por, Hakim, também filho, mas obviamente contra o tratamento recebido por ela. Assim como Domingas, Anastácia possuía filhos, que também tinham seus estudos prejudicados devido ao excesso de trabalho na casa dos patrões. Como se pode perceber, tal posição social era “herdada” pelos filhos, como acontecia com os escravos na sociedade estamental: nascido de escravo, outro futuro não lhes seria acessível. Esta “herança” que acompanha filhos de agregados e de escravos também aparece de forma nítida na narrativa *Infância*, de Graciliano Ramos:

A preta Quitéria engendrou vários filhos. Os machos fugiram, foram presos, tornaram a fugir – e antes da abolição já estavam meio livres. Sumiram-se. As fêmeas, Luísa e Maria, agregavam-se à gente de meu avô. Maria, a mais nova, nascida forra, nunca deixou de ser escrava. E Joaquina, produto dela, substituiu-a na cozinha, até que, morto os velhos, a família não teve recurso para sustentá-la. (...) a moleca Maria tinha a natureza da mãe. E não podia revelar-se, lavava pratos e varria a casa em silêncio, morna, fechada, isenta de camaradagens, esperando ganhar asas e voar. (RAMOS, 1994, p.75)

O que se percebe, então, é o caráter ambíguo da personagem Domingas. Ela vive no limiar entre a posição de agregada e a de análoga à de escrava, pois podemos observar a relação dela com alguns membros da casa pautada pela negação do eu. Alguns trechos mostram o próprio Nael dizendo que sua mãe parecia uma sombra de Zana: “Zana e Halim foram convocados pelo diretor. Só ela foi, ela e Domingas, sua sombra servil” (HATOUM, 2006, p.27). Ou seja, ora amiga e agregada, ora empregada e escrava: “Na velhice que poderia ter sido menos melancólica, ela [Zana] repetiu isso várias vezes a Domingas, sua *escrava* fiel (...)” (grifo meu. HATOUM, 2006, p.28).

Apesar da distância existente entre as “definições” de escravo e de agregado, Domingas pode ser lida como ambos, como se pretendeu mostrar ao longo do capítulo². Tal fato se deve, possivelmente, aos diferentes tratamentos recebidos pela empregada por cada membro da casa: análogo ao da escravidão quando se relaciona com Omar, por exemplo, ou semelhante ao existente entre os provedores e os agregados, como quando troca favores com Zana e Halim. Desta forma, conclui-se o caráter fortemente ambíguo

² Os escravos viviam em uma condição de plena dominação, sendo tratados como objetos de compra e venda, ou seja, sem direito à própria vida, que pertencia a seu senhor. A escravidão era a base do trabalho no latifúndio brasileiro do século XIX, mas não por falta de mão de obra livre e, sim, por opção (FRANCO, 1974), problemática também tratada na nota de rodapé 1 do presente trabalho. Já os agregados integram o grupo dos dependentes, pessoas à margem da sociedade por não participarem do mercado de trabalho assalariado ou não serem donas de terras. Para se sustentar dependiam do favor dos latifundiários, vivendo outra forma de dominação, apesar de serem livres: “Esquematizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários seu acesso à vida e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm.” (SCHWARZ, 1981, p.16)

da personagem que, sem ser exatamente escrava ou agregada, é na verdade uma empregada, mas tratada ora como um, ora como outro, oscilando entre as duas posições.

Essa ambiguidade permite-nos constatar mais uma diferença em relação às personagens hatoumnianas e aquelas criadas no século XIX: nesta época muitos agregados presentes em narrativas ficcionais se esforçavam consideravelmente para não serem confundidos com os escravos e, de fato, como nos mostra Schwarz, o favor assegurava ao dependente o reconhecimento de sua condição de homem livre³. Já na trama hatoumniana, não há um consenso na família em relação ao tratamento que a empregada deve receber, resultando na ambiguidade do caráter de Domingas, que precisa se adequar a cada situação e a cada tratamento.

Enquanto dependente, Domingas retrataria, então, não só o grupo dos indígenas, mas a coletividade de diversos grupos à margem da sociedade, que tem sua cultura tolhida e pouca aceitação social, estendendo sua figura também aos negros, aos mestiços, aos filhos bastardos e aos escravos libertos, que sofrem grande exclusão social e, como ela, tornam-se frequentemente agregados de outras famílias.

A narrativa parece desta forma, questionar a idealização do índio como herói, mostrando uma índia sem espaço, cuja entrada no mundo “civilizado” não ocorreu espontaneamente. Parece criticar, ainda, a sobrevivência de um estilo de vida análogo ao da já abolida escravidão, que permanece em alguns lugares do país, ainda que de modo disfarçado. O que resta a muitos escravos libertos, índios e descendentes destes é, em grande parte, um lugar à margem, acarretando uma relação de dependência dos “brancos”.

³ Os comportamentos dos agregados serão trabalhados no capítulo “Nael”.

3. YAQUB E OMAR

3.1. Diálogos mitológicos

A narrativa *Dois irmãos* traz em seu cerne a relação conflituosa entre os gêmeos univitelinos Yaqub e Omar, filhos de Halim e Zana. Esta escolha permite ao leitor reconhecer um diálogo com a narrativa bíblica dos irmãos Esaú e Jacó, os quais também se desentendiam demasiadamente, inclusive desde o ventre. Ao ser questionado pelos pais, Isaque e Rebeca, Deus explica o motivo: “Duas nações há no teu ventre [Rebeca], e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor” (Gênesis 25.23). As brigas se mantêm na vida adulta e se intensificam pelo interesse de Jacó, o caçula, em usurpar o lugar do irmão, pois na época em que se passa a história o primogênito possuía uma série de direitos. Em um primeiro momento Jacó oferece a Esaú, em troca do direito à primogenitura, um saboroso prato de comida, assim que este retorna do campo após um dia de trabalho, extremamente faminto. Em outra ocasião, Rebeca, a mãe dos gêmeos, se une a Jacó para tramar contra Esaú, que acaba perdendo também as bênçãos do pai. A fúria de Esaú ao descobrir a armação resulta no afastamento do irmão caçula, a pedido da mãe, que temia pela vida deste. Porém, após anos o caçula retorna e os irmãos, já maduros, acabam por se reconciliar.

Entre as narrativas bíblica e hatoumniana há semelhanças como a predileção da mãe pelo gêmeo caçula; as brigas entre os gêmeos; a consequente separação deles. Apesar de Yaqub e Omar não brigarem desde o ventre, eles o fazem ao menos desde muito jovens, sendo que eles se afastaram, inclusive, em decorrência de uma briga ainda na adolescência. Durante uma festa os irmãos se desentenderam por causa de Lívia, uma vizinha pela qual ambos eram apaixonados. Omar feriu o rosto de Yaqub com um caco de vidro, deixando uma profunda cicatriz não só física, mas principalmente psicológica. Temendo maior consequência os pais optaram por enviar o primogênito para o Líbano, país no qual ele viveu anos com parentes distantes. Neste ponto há uma aparente diferenciação em relação à narrativa bíblica: se nesta Rebeca pede que o caçula se ausente, temendo uma possível vingança de seu irmão, naquela é o primogênito que é obrigado a se afastar. Apesar disso, poder-se-ia dizer que ambas as mães privilegiam seus caçulas, uma vez que Zana opta por ficar apenas com Omar e Rebeca, sem poder

decidir por Esaú, pois provavelmente, já adulto, ele não a obedeceria, pede que o caçula vá embora.

Ainda no diálogo com a narrativa bíblica de Esaú e Jacó, outro ponto de discordância pode ser encontrado no que toca ao retorno dos irmãos. Como se sabe, quando Jacó retorna, ele e o irmão se reconciliam; já o retorno de Yaqub é pautado pela tensão e pela impossibilidade de convivência, resultando na decisão do primogênito em sair de casa para morar em outro estado, sozinho.

Nesta impossibilidade da convivência dos irmãos gêmeos pode-se verificar uma inversão do mito greco-romano de Castor e Polux. Irmãos gêmeos por parte de mãe, os dois foram transformados na constelação de Gêmeos após a morte de Castor, filho de pai mortal, a pedido de Polux, filho de Zeus e, portanto, imortal, pois não sabiam viver longe um do outro. Assim, se no mito os irmãos não sabiam viver separadamente, em Hatoum eles não conseguem partilhar o mesmo espaço. Aliando esta característica à escolha política de cada um dos gêmeos de Hatoum é possível ler a figura dos irmãos alegoricamente, como será exposto a seguir.

3.2. Alegoria política

No contexto político cada irmão parece se inclinar a uma forma de governo diferente, pois enquanto Omar luta contra a ditadura militar, instaurada no país em 1964, Yaqub parece aderir à mesma. Omar mostra sua opção por meio da amizade com o professor e poeta Antenor Laval, preso e assassinado por policiais, provavelmente em decorrência de sua posição política:

(...) um zunzum corria nos corredores do liceu, dois dedos de mexerico da vida alheia, dele, Laval. Um: que fora militante vermelho, dos mais afoitos, chefe dos chefes, com passagem por Moscou. Ele não negava, tampouco aprovava.
(HATOUM, 2006, p.144)

O professor de francês não voltou mais ao liceu, até que numa manhã de abril nós presenciamos sua prisão. (...) Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. (...) A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo

depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. (HATOUM, 2006, p.142)

(...) No chão do coreto, manchas de sangue. Omar escreveu com tinta vermelha um verso de Laval, e por muito tempo as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos. (...) Não pude odiar o Caçula. Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. (HATOUM, 2006, p.143)

Já Yaqub não se opõe à ditadura, tampouco parece temê-la:

As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército. Halim me aconselhou a não mencionar o nome de Laval fora de casa. Outros nomes foram emudecidos. A tarja preta que cobria uma parte da fachada do liceu fora arrancada e as portas do prédio permaneceram trancadas por várias semanas.

Mesmo assim, Yaqub não se intimidou com os veículos verdes que cercavam as praças e o Manaus Harbour, com os homens de verde que ocupavam as avenidas e o aeroporto. Nem mesmo um diabo verde o teria intimidado. Eu não queria sair de casa, não entendia as razões da quartelada, mas sabia que havia tramas, movimento de tropas, protestos por toda parte. Violência. Tudo me fez medo. Mas ele insistiu em que eu o acompanhasse: *"Já fui militar, sou oficial da reserva"*, me disse orgulhoso. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.149)

O pai reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada por militares. "Eles estão por toda parte", disse, abraçando o filho. "Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados..." "É que os terrenos do centro pedem para ser ocupados", sorriu Yaqub. "Manaus está pronta para crescer." (HATOUM, 2006, p.147)

Assim, caminhando para lados opostos a dificuldade de coexistência se potencializaria. Este fato último nos permite compreender o porquê da diferença entre os finais das histórias bíblica e hatoumniana: naquela os irmãos se reconciliam depois de anos, pois fundariam diferentes nações, mas não necessariamente opostas e conflitantes; já nesta, existe a impossibilidade da manutenção de diferentes formas de governo dentro de um mesmo país, do mesmo modo que dois irmãos tão distintos não

poderiam conviver sob o mesmo teto, resultando na separação sem qualquer possibilidade de reconciliação.

Tais fatos permitem a leitura de uma alegoria, na qual a casa metaforizaria o país; enquanto cada irmão metaforizaria uma forma de governo. Yaqub, como foi visto, parece apoiar a ditadura militar, ou seja, o autoritarismo extremo e o conservadorismo. Já a postura de revolta em relação ao regime de exceção demonstrada por Omar revela uma escolha libertária e democrática. Retomando o enredo, os irmãos não conseguiriam conviver no mesmo espaço justamente por almejarem ocupar o mesmo lugar, seja em casa, no que se refere à Zana, principalmente – pois Yaqub parece não conseguir perdoar a mãe por ter preferido enviá-lo para o Líbano, optando por manter Omar próximo a ela, como será melhor desenvolvido ao longo do capítulo –; seja na rua, com as mulheres – sobretudo no que se refere à Lívia, pivô da briga resultante na separação entre eles. Segundo conclui Rânia, explicando a Zana, “os irmãos nunca iam conviver em casa, mas o tempo podia acalmá-los. O tempo e a *separação*”. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.181). E do mesmo modo que os irmãos não conseguem conviver no mesmo ambiente, as duas formas de governo não poderiam coexistir no país, também por aspirarem ao mesmo espaço. A disputa dos gêmeos será melhor explorada no item a seguir, no qual se discute as semelhanças e diferenças entre eles.

3.3. Diferentes valores, mesmo saldo

Yaqub e Omar, gêmeos univitelinos, são absolutamente iguais na aparência, pois “tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura” (HATOUM, 2006, p.13). Até a voz podia ser confundida pela semelhança: “ele [Omar] dizia, e com uma voz tão parecida com a do irmão que Domingas, assustada, procurava na sala um Yaqub de carne e osso. A mesma voz, a mesma inflexão” (HATOUM, 2006, p.46). Apesar disso, a personalidade dos dois parece bastante diferente. O primeiro era, quando criança, recluso, calado e medroso. Mesmo assim, foi ele o escolhido para passar a adolescência longe de casa, em outro país. O afastamento imposto rompe os laços entre ele e sua família e resulta em uma transformação na personalidade de Yaqub, que retorna autônomo e corajoso, apesar de permanecer calado. O medo e a insegurança anteriores a sua partida são substituídos por uma independência obstinada e segura. Yaqub parece

aguardar apenas a conclusão de seus estudos em Manaus⁴ – ocorrida poucos meses após seu retorno – para comunicar sua mudança para São Paulo, sem pedir ou perguntar:

Inflexível foi o próprio Yaqub, que enfrentou a resistência da mãe quando informou, no Natal de 1949, que ia embora de Manaus. Disse isso à queima-roupa, como quem transforma em ato uma ideia ruminada até a exaustão. (HATOUM, 2006, p.30)

Desde então, ele não aceita nenhuma ajuda financeira de sua família, aparentemente para provar sua autossuficiência, já que estes escolheram renegá-lo: “Os pais mandaram-lhe dinheiro e um telegrama; ele agradeceu as belas palavras e devolveu o dinheiro. Entenderam que o filho nunca mais precisaria de um vintém. Mesmo se precisasse, não lhes pediria” (HATOUM, 2006, p.45).

Ao longo dos anos em São Paulo, Yaqub cresceu e atingiu considerável estabilidade econômica e, ao contrário do que parecia, são os pais que precisam da ajuda do filho. Em uma das visitas a Manaus Yaqub nota a necessidade de certos ajustes e reparos na casa da família e também na loja, agora administrada pela irmã, Rânia. O primogênito decide, então, ajudar a família e custear algumas reformas:

Não tinham dinheiro para reformar a casa nem a loja, muito menos os dois quartos dos fundos, onde eu [Nael] e minha mãe dormíamos. E, quando menos esperávamos, o pequeno deus agiu sobre nossa vida. Yaqub agiu e foi generoso. (...) Ele não era desatento para o mundo; ao contrário, observava tudo, e isso eu fui percebendo aos poucos. Na breve visita que fez a Manaus, deve ter notado e anotado todas as carências da casa, dos parentes e empregados. O homem que estrebuchou por oitocentos e vinte dólares e uns poucos pertences transformou a nossa casa. (HATOUM, 2006, p.96)

Halim não teve tempo de recusar a ajuda providencial. Uma boa amostra da indústria e do progresso de São Paulo estacionou diante da casa. Os vizinhos se aproximaram para ver o caminhão cheio de caixas de madeira lacradas; a palavra frágil, pintada de vermelho num dos lados, saltava aos olhos. Vimos, como dádiva divina, os utensílios domésticos novinhos em folha, esmaltados, enfileirados na sala. Se a inauguração de Brasília havia causado euforia nacional, a chegada daqueles objetos foi o grande evento na nossa casa. O maior problema era o corte quase diário

⁴ Apesar de regressar com 18 anos, cinco após ter partido, Yaqub “perdera alguns anos de escola no Líbano” (Hatoum, 2006, p.24).

de energia, de modo que Zana decidiu manter ligada a geladeira a querosene. Domingas, no fim da tarde, antes do blecaute, tirava tudo da geladeira nova e transferia para a velha. Todo o que era novo, mesmo de uso limitado impressionava. Yaquib surpreendeu ainda mais: mandou dinheiro para restaurar a casa e pintar a loja. (HATOUM, 2006, p.97)

Em relação à vida amorosa o primogênito também é bem sucedido, casando-se com Livia, a mulher amada por ambos os irmãos. O que se percebe é a transformação de um garoto tímido e medroso em um homem aparentemente seguro e bem sucedido em muitas áreas da vida, mas ainda revoltado pelo abandono sofrido.

Como pode ser apreendido no percurso até aqui percorrido, a personalidade do gêmeo primogênito vai se alterando e, ao final da narrativa, Yaquib retorna a Manaus, talvez, para se vingar do irmão, revelando também um lado agressivo: “Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz. Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar” (HATOUM, 2006, p.93).

O caráter raivoso e destrutivo anunciado nas entrelinhas do trecho acima pode ser percebido em outros momentos, por exemplo, quando descobre o roubo do irmão:

Yaquib se lembrou dos dois volumes velhos e empoeirados de cálculo integral e diferencial, livros que comprara por uma pechincha num sebo da rua Aurora. Abriu os livros com o pressentimento de que fora aviltado. Rangia os dentes, as mãos trêmulas mal conseguiam folhear o primeiro volume, onde tinham sido enfiadas várias cédulas de um dólar; no outro volume guardara as notas de vinte. Folheou os dois livros, página por página, depois chacoalhou-os, e caíram cédulas de um dólar. O patife! Muito bem, que o pulha levasse o passaporte, a gravata de seda, as camisas de linho, mas dinheiro... "Deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é o teu filho. Um *harami*, ladrão!" "Gritou ladrão tantas vezes que pensei que estivesse se referindo a mim", disse Halim. (...) Yaquib passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano vistoriando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele! "Ele não parava, não conseguia parar de xingar o filho mimado da minha mulher. (HATOUM, 2006, p.92-93)

Esse lado obscuro de Yaqub se revela principalmente ao final da narrativa, quando ele trai o irmão, traindo também a própria mãe, pois Zana, ciente e inconformada com o conflito permanente entre os gêmeos, decide intervir. Ela encontra a possibilidade no campo do trabalho, pois Omar pretendia se associar a um indiano chamado Rochiram, que planejava a construção de um hotel em Manaus. Zana resolve, então, enviar uma carta a Yaqub sugerindo que ele e o irmão trabalhassem juntos. Yaqub parece ignorar o pedido da mãe, mas aproveitar parte da sugestão, pois acaba se associando a Rochiram às escondidas, traindo não só o irmão, como também a própria mãe:

O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembra o seu plano, minucioso e sagaz. “Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza...” Chamava minha mãe para perto dela, dizia: “O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo...” Domingas ouvia e se afastava, deixava a outra sozinha, maldizendo a trama de Yaqub. (HATOUM, 2006, 176)

Furioso com o golpe, Omar espanca o irmão a ponto de Yaqub precisar ser hospitalizado. Ainda internado, ele sofre novas ameaças do Caçula, que é contido pelos funcionários. Sem perdoar a nova agressão, Yaqub persegue o irmão e decide contratar um advogado para processá-lo, almejando sua prisão. Neste caminho mostra-se tão bruto quanto o Caçula, ou até mais, na opinião da irmã deles: “[Rânia] escreveu que ele, Yaqub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento (...)” (HATOUM, 2006, p.195). Outro trecho mostra mais detidamente a perseguição a Omar, a traição à mãe e o inconformismo de Rânia:

Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão. Não podia sair, não teve direito à liberdade condicional. “Só osso e pelanca... Meu irmão não parece humano”, contou Rânia, chorando. Ela me disse, alterada, que ia escrever uma carta a Yaqub. “*Ele traiu minha mãe, calculou tudo e nos enganou.*” (...) [Rânia] escreveu a Yaqub o que ninguém ousara dizer. Lembrou-lhe que a vingança é mais patética do que o perdão. Já não se vingara ao soterrar o sonho da mãe? Não a viu morrer, não sabia, nunca saberia. Zana havia morrido com o sonho dela soterrado, com o pesadelo de uma culpa. Escreveu que ele, Yaqub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento, e por isso podia ser julgado. Ameaçou

desprezá-lo para sempre, queimar todas as suas fotografias e devolver as joias e roupas que ganhara, caso ele não renunciasse à *perseguição de Omar*. Cumpriu à risca as ameaças, porque Yaqub calculou que o silêncio seria mais eficaz do que uma resposta escrita. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.194-5)

Já Omar se apresenta muito corajoso desde criança. Desobedecia aos pais, destemido, e enfrentava quem fosse necessário quando se envolvia em brigas:

(...) ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, aguentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. (...) [Yaqub] Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos. (HATOUM, 2006, p.14)

Apesar da falta de temor por parte de Omar lhe conferir aparência de alguém seguro, ele nunca teve coragem de abandonar definitivamente a casa e os cuidados da mãe. Foi Yaqub quem conseguiu se tornar independente, construindo uma vida própria longe de todos os conhecidos – com exceção do casamento com Lívia. Foi ele quem enfrentou a mãe e a vida. Ou seja, ao longo do romance parece haver certa inversão ou ao menos quebra de expectativa no modo como ambos agem, fato perceptível no que tange à inveja existente entre os irmãos. Se no início da narrativa, Yaqub parece sentir-se inferior a Omar:

Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: "Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe". Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho. (...) Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, aguentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. (...) queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. O Caçula tomava impulso, pulava, rodopiava no ar como um acrobata e caía de pé,

soltando um grito de guerra e mostrando as mãos estriadas. Yaqub recuava ao ver as mãos do irmão cheias de sangue, cortadas pelo vidro do cerol. (HATOUM, 2006, p.14-15)

no decorrer da história é Omar quem parece invejar a posição do irmão, ainda que não tome qualquer atitude para se aproximar dela: "A senhora tem o outro filho, que só dá gosto e tem bom posto" (HATOUM, 2006, p. 109); ou ainda, em outro trecho:

(...) Por onde anda o velho? Está escondido naquele depósito imundo? Por que não aparece para elogiar o engenheiro... o gênio, o cabeça da família, o filho exemplar...a senhora também é culpada...vocês deixaram ele fazer o que queria...casar com aquela mulher...dois idiotas...". (HATOUM, 2006, p.129)

A inveja de Omar não é explicitada ou reconhecida, mas pode ser percebida nas entrelinhas de suas palavras de rancor, quando ele mesmo se compara com o irmão, colocando-o em posição superior a sua própria, mas com um viés irônico e ofendido.

Desta forma, a inveja é recíproca entre os irmãos e motiva diferentes atitudes violentas. Segundo já mencionamos, o Caçula fere o primogênito fisicamente com um caco de vidro na adolescência e o espanca na vida adulta; mas também o fere psicologicamente, ao roubar seu dinheiro em São Paulo e, principalmente, ao desenhar obscenidades nas fotos do casamento entre ele e Livia:

"(...) a verdade é que Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento..." Halim pôs as mãos na cabeça, confirmou: "Isso mesmo: Omar encheu o rosto da Livia de obscenidades, cobriu as fotografias do álbum de casamento com palavrões e desenhos... Yaqub ficou louco... (...)" (HATOUM, 2006, p. 93)

Já Yaqub trama por trás do irmão, culminando em sua prisão ao final da narrativa, como foi visto. Desta forma, as diferenças em seus comportamentos limitam-se à forma como se agredem, pois o resultado se assemelha: ambos são violentos e ambos se odeiam.

O maniqueísmo inicialmente sugerido na oposição entre a passividade de Yaqub e a brutalidade de Omar vai sendo desconstruído ao longo da narrativa, quando Yaqub também passa a ter atitudes violentas, ainda que em silêncio, e quando Omar, considerado violento e indiferente às outras pessoas, fica ao lado do professor Antenor

Laval, opondo-se à ditadura militar. Desta forma, o quadro parece se inverter, para depois entrar em equilíbrio: nenhum dos irmãos é íntegro. No primogênito sobressai a razão, como pode ser percebido pela sua inclinação aos cálculos, não só matemáticos, mas inclusive na vingança arquitetada contra o irmão, enquanto no Caçula o destaque é para o impulso e a emoção, desprezando inclusive os estudos. Contudo, em ambos predominam as atitudes e os sentimentos negativos, sejam eles a raiva, a inveja, a vingança ou qualquer outra forma de violência.

Como foi visto anteriormente em relação à política os irmãos não concordam, já que Yaqub parece apoiar a ditadura e Omar se opõe a esta. Curiosamente, em relação à postura econômica a situação novamente se inverte, já que o citado regime se associa à defesa do liberalismo econômico e ao incentivo ao progresso capitalista do país, resultando em uma modernização conservadora (PIRES; RAMOS, 2009). Neste contexto, enquanto Yaqub defende e participa ativamente deste “progresso”, Omar parece ser indiferente a ele.

Em outras palavras, a real existência de diferenças relevantes entre os irmãos é questionável. Tanto Nael quando Domingas parecem perceber que na realidade eles são bastante semelhantes. Para Domingas “os dois nasceram perdidos” (HATOUM, 2006, p.78). Já Nael despreza o Caçula principalmente devido às agressões deste a Domingas, sua mãe; e Yaqub por decepcionar-se com certas atitudes suas, como a vingança calculada e a traição à família. Se ele parecia melhor do que Omar pelo silêncio, suas atitudes acabaram demonstrando o contrário.

Apesar de desaprovar o comportamento de Omar – “Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar o Omar” (HATOUM, 2006, p.152) – Nael acaba se surpreendendo com outras atitudes dele, como a homenagem ao professor e poeta Antenor Laval:

Estava emocionado e triste, o Caçula. A chuva acentuava a tristeza, mas acendia a revolta. No chão do coreto, manchas de sangue. Omar escreveu com tinta vermelha um verso de Laval, e por muito tempo as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos. Por uma vez, uma só, não hostilizei o Caçula, não pude odiá-lo naquela tarde chuvosa (...) Um liceu enlutado, um mestre assassinado: assim começou aquele abril para mim, para muitos de nós. (HATOUM, 2006, p.143)

Ainda assim, e mesmo sabendo que um dos gêmeos é seu pai, o narrador não tem preferências. Colocando na balança ele desaprova a conduta de ambos e decide por manter distância dos dois:

Nunca me interessei pelos desenhos da estrutura com suas malhas de ferro, tampouco pelos livros de matemática que Yaqub havia me dado com tanto orgulho. Queria distância de todos esses cálculos, da engenharia e do progresso ambicionado por Yaqub. (...) a vontade de me distanciar dos dois irmãos foi muito mais forte do que essas lembranças. A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada. (HATOUM, 2006, p.196)

A única diferença realmente existente entre os dois parece ser o predomínio em um da racionalidade e em outro da emoção, já que Omar age por impulso, enquanto Yaqub prefere calcular (BIRMAN, 2007, p.217-8). O predomínio das atitudes de Omar pelo impulso permite-nos traçar um paralelo entre seu temperamento e seu nome, anagrama de amor (BIRMAN, 2006, p.209), menção à emoção predominante no personagem. No duo razão-emoção Yaqub ficaria, então, com o primeiro, como pode ser visto ao longo do romance pelas suas atitudes bem pensadas e calculadas. Seu nome tem origem hebraica e, enquanto sua tradução para o árabe seria Yaqub, para o português seria Jacó, fazendo alusão direta ao gêmeo bíblico traidor. Esta referência já permite estabelecer relação entre o primogênito de Hatoum e o caçula da história bíblica: ambos armam para seus irmãos e usam a racionalidade para traí-los. Essa “trapaça” está já em seus nomes, pois Jacó tem como significado “segurar pelo calcanhar” (Gênesis 25.26), podendo ser interpretado como uma cena de trapaça para derrubar o segurado, hipótese confirmada pelo segundo significado do nome: suplantar, ou seja, “pisar sobre”. Assim, a referência a vencer o outro, puxando-o, pode ser compreendida como a ideia de armação para prejudicar outrem, remetendo ao cálculo e, portanto, à razão. Logo, pode-se concluir que os irmãos são iguais: os valores variam, o saldo é o mesmo.

Devido ao contraste dado pelo excesso de semelhança física, por um lado, e a oscilação entre a semelhança e a diferença comportamental, por outro, os gêmeos permitem uma série de leituras. Três delas serão analisadas a seguir, sendo as duas primeiras referentes ao exame dos gêmeos individualmente, lendo Yaqub como migrante e Omar como malandro; e a terceira referente à proposta de leitura dos dois como imigrantes integrantes da população híbrida do Brasil.

3.4. O exilado, o imigrante e o migrante

Retomando a aparente oscilação no comportamento de Yaqub ao longo de seu crescimento, pode-se atribuir como ápice para o desencadeamento das mudanças a viagem de Yaqub para o Líbano. Nas palavras de Stefania Chiarelli “[a identidade] trata-se de uma construção, e, como tal, traz a marca da instabilidade, da contradição e do inacabado” (CHIARELLI, 2007, p.30). No presente caso a instabilidade provocada pela mudança constitui elemento presente na vida da personagem, que vive durante considerável tempo em ao menos três lugares distintos: um país estrangeiro, o estado natal e outro estado em seu país. Devido a esses deslocamentos Yaqub poderia ser lido como migrante, figura recorrente na literatura brasileira. Porém, com ressalvas no que se refere ao diálogo estabelecido com algumas narrativas consagradas, pois suas motivações e movimentos ampliariam o leque de possibilidades para este tipo.

A causa da migração interna no Brasil ocorre na maioria dos casos em decorrência da marginalização de indivíduos pobres, que são motivados a procurar melhores condições para se sustentar (cf MÜLLER, 2011). Muitas narrativas ficcionais abordam a situação destes migrantes por meio de obras críticas e socialmente engajadas. É o caso *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, através dos protagonistas Fabiano e Severino, respectivamente. Ambas as narrativas trazem o contexto do retirante nordestino, cujas fugas são motivadas pela necessidade de sobrevivência. No caso de Yaqub as motivações são outras. Uma série de elementos se articula contribuindo para sua migração, como sua ambição profissional e econômica e, sobretudo, o exílio sofrido por ele na adolescência, acontecimento que parece estar na raiz de seu desejo de conquistar independência.

Uma rápida leitura já percebe a ânsia de Yaqub pelo progresso financeiro. Porém, uma segunda leitura, desta vez mais demorada, pode notar seu anseio maior por se tornar independente da família. Ou seja, a motivação não seria exatamente o desejo de enriquecer puro e simplesmente ou ainda a necessidade de sobrevivência, mas o desejo de ser maior do que a família, ou do que o irmão.

Na primeira leitura, no que se refere ao caráter migratório de Yaqub, poderia se reconhecer nele características de jovens ambiciosos, que deixam seu estado considerado “atrasado” e procuram um futuro melhor em regiões mais desenvolvidas. Tal hipótese é construída baseando-se na opção de Yaqub por São Paulo, preferindo a cidade considerada símbolo do progresso e do avanço, emergente no capitalismo, à sua própria cidade de origem, considerada “atrasada” e “arcaica”:

As cartas rareavam e as notícias de São Paulo pareciam sinais *de um outro mundo*. (...) Os acenos intermitentes da metrópole: o dia-a-dia na Pensão Veneza, os cinemas da São João, os passeios de bonde, o burburinho do viaduto do Chá e os sisudos mestres engravatados, venerados por Yaqub. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.45)

A outra extremidade do Brasil [São Paulo] crescia vertiginosamente, como Yaqub queria. No marasmo de Manaus, dinheiro dado era maná enviado do céu. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.78)

Halim nunca quis ter mais que o necessário para comer, e comer bem. Não se azucrinava com as goteiras nem com os morcegos que, aninhados no forro, sob as telhas quebradas faziam vôos rasantes nas muitas noites sem luz. Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus, que circulava aos sacolejos e fumegava. (HATOUM, 2006, p.96)

Os trechos destacados (“sinais de um outro mundo” e “outra extremidade do Brasil”) mostram a distância existente entre o norte e outras regiões do país, como o sudeste e o centro-oeste, explicando a escolha do primogênito: buscar um futuro promissor em estados mais industrializados, devido a sua ambição e discordância com o modelo econômico predominante em sua cidade e vivido por sua família. No tempo em que se passa a história – 1914 até o período ditatorial instaurado em 1964 no país – São Paulo vivia um momento de industrialização intensa, fato que explica a escolha de Yaqub pelo estado.

A contraposição de sua visão econômica – capitalista – com a do pai é nítida quando Rânia, a irmã dos gêmeos, assume os negócios da família, antes dirigidos por Halim. Recebendo indicações e direções do irmão “paulista”, ela o transforma por completo:

Rânia recebia as amostras, escolhia os tecidos, as camisetas, carteiras e bolsas. Quando Halim se deu conta, já não vendia quase nada do que sempre vendera: redes, malhadeiras, caixas de fósforo, terçados, tabaco de corda, iscas para correr, lanternas e lamparinas. Assim, ele se distanciava das pessoas do interior, que antes vinham à sua porta, entravam na loja, *compravam, trocavam ou simplesmente*

proseavam, o que para Halim dava quase no mesmo. (grifo meu. HATOUM, 2006, p.64)

Rânia, tutora da loja, atara os laços com São Paulo, de onde vinham as novidades que enchiam as vitrines. Além de labiosa nos negócios, ela sabia controlar as despesas da casa, anotando cada níquel (HATOUM, 2006, p.93)

Esta contraposição é lida ainda na clara opinião de Halim, acerca dos negócios: “Lembrei-me [Nael] das palavras de Halim: ‘O comércio é antes de tudo uma troca de palavras’” (HATOUM, 2006, p.140).

Nesse ponto os objetivos do trabalho para as diferentes gerações são notadamente diferentes: enquanto o mais jovem visa o lucro, ou seja, o acúmulo de capital, o pai ainda vê o trabalho como uma forma de manter o sustento e as relações amistosas. Assim, Yaqub se distancia dos comportamentos de seu pai e de outros comerciantes de sua região, incorporando o pensamento capitalista emergente e seguindo o fluxo de muitos migrantes do século XX à procura de lugares economicamente mais desenvolvidos. Como se sabe, os movimentos migratórios dentro do país neste século tiveram como uma das principais rotas até meados de 70 o sudeste, atração explicada pelo surto de industrialização vivido pela região (cf org. OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R., 2011).

Como foi visto, em um primeiro olhar a motivação do primogênito pode ser considerada de ordem econômica e, apesar da distância em relação às necessidades dos retirantes nordestinos, poder-se-ia reconhecer certa semelhança entre as motivações daqueles e as de Yaqub: buscar um futuro melhor do que aquele proporcionado por sua cidade natal. Porém, um exame mais longo e atento poderia entender esta contraposição entre as visões econômicas do pai e do filho como apenas a motivação *aparente* para a partida do primogênito. Cifrada em sua opção pelo progresso capitalista, a real motivação parece ser outra: provar ser independente da família. Diferentemente dos migrantes nordestinos, Yaqub e sua família não apresentavam dificuldades financeiras relevantes, o que ressalta a postura de *escolha* e, não, necessidade de mudança. Desta forma, se havia alguma necessidade, esta não era econômica.

Olhando para o passado de Yaqub nos deparamos com um rompimento nos laços formados entre ele e sua família em decorrência de sua viagem para o Líbano. A separação parece nunca ter sido superada por ele e pode ser lida não como uma simples viagem, mas como um exílio. O conceito de exilado refere-se a alguém que foi banido

de um espaço, como Yaqub, obrigado a deixar seu país. O exílio – ou banimento – resulta na vivência de alguém “fora do grupo, que sente a privação de não estar com os outros na habitação comunal” (MÜLLER, 2011, p.46). Nas palavras de Edward Said “os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (apud MÜLLER, 2011, p.46). Ainda para Said o “*exilado* (cuja origem está na prática do banimento) leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (apud CHIARELLI, 2007, p.28).

Esta marca de não pertencimento que afeta o exilado pode ser encontrada também em muitos migrantes, como mostra Euclides da Cunha, ao aproximar as figuras destes às de exilados, conceituando-os como “desenraizados”. Sobre suas ideias, Müller afirma:

sua atuação marcante [de Euclides da Cunha] sinaliza um momento de ruptura na abordagem dos deslocamentos internos, conferindo o título de “exilados na própria terra” aos contingentes humanos presos a um lugar sem perspectivas de melhoria das condições de vida ou engajamento político e social. Sempre atento às esferas de atuação do governo, merece nota que esteja entre os primeiros a constatar a existência desse tipo peculiar de estrangeiro na própria terra: o desenraizamento de contingentes nacionais excluídos do todo, em geral provenientes de migrações internas de indivíduos pobres e marginalizados, como é o caso de jagunços, mineiros, seringueiros e caucheiros (MÜLLER, 2011, p.31).

Porém, a figura do migrante aproximada daquela do exilado não se refere a todos que se deslocam dentro de um país, mas àqueles motivados pela necessidade de sobrevivência, ou seja, a um tipo específico:

Euclides chama a atenção para os trabalhadores dedicados à extração de borracha na floresta. Indivíduos a um só tempo nacionais e estrangeiros, posto que exilados em terra estranha sem nunca terem ultrapassado as fronteiras nacionais: “Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pisando em terras brasileiras”. (MÜLLER, 2007, p.32)

Tais pessoas podem ser consideradas exiladas em seu próprio país por serem obrigadas a se deslocar em busca de meios de sobrevivência. Assim, permanecerem ou não no lugar onde nasceram não seria uma alternativa. Apesar de Yaqub ser lido como

migrante, ele não pode ser considerado exilado em sua própria terra, já que não é a necessidade de sobrevivência que motiva sua mudança.

A migração, de um modo geral, pode ainda ser associada ao contexto da imigração, já que muitos dos sentimentos em ambas as condições se assemelham: quando se retorna para o lugar abandonado a restauração dos laços rompidos não é possível, pois “já não há mais possibilidade de integração da terra natal (a volta ao lar é sempre uma impossibilidade; quem volta já não é mais aquele que saiu) e persistem estranhamentos com relação ao novo lugar. O imigrante, neste sentido, sofre um duplo desterro” (CHIARELLI, 2006, p.31). É o caso de Yaqub que, ora imigrante no Líbano, ora migrante em São Paulo, parece sempre manter o mesmo sentimento ao retornar para Manaus:

Depois apertou a mão do pai, disse que tinha pressa, mas Halim o abraçou com força e começou a chorar, o corpo encurvado, a cabeça apoiada ao ombro de Yaqub, a voz entrecortada balbuciando: "Esta é a tua casa, filho..."

Poucas vezes eu tinha visto Halim tão triste, os olhos apertados no rosto crispado, as mãos engelhadas agarradas nas costas de Yaqub. Os dois saíram do meu quarto, e eu me levantei para vê-los da janela. Zana e Rânia os esperavam no alpendre. Halim pediu que o filho ficasse mais uns dias, que voltasse com a mulher. Yaqub prometeu que em sua próxima visita traria a esposa. Escutei a voz dele, grave, ecoar: "A senhora pode ficar tranquila, vamos ficar num hotel".

"Como, ficar num hotel? Ouviste essa, Halim? Nosso filho quer se esconder com a mulher... Quer ser um estranho na terra dele..." (HATOUM, 2006, p.152)

Deste modo, apesar de Yaqub não corresponder à figura do migrante nordestino recorrentemente estudada em textos teóricos e recriada nas narrativas ficcionais anteriormente citadas, tampouco corresponde à dos imigrantes, já que foi banido de sua terra natal, ou seja, não deixou o país espontaneamente. Sua figura dialogaria, então, com ambas, sem corresponder inteiramente a nenhuma, na medida em que há um sentimento de deslocamento por parte da personagem em relação a sua casa, comum aos imigrantes quando retornam ao lar; e algo que o impede de permanecer nela, como ocorre com os migrantes, motivados a abandonar a cidade natal.

Como foi visto, ao retornar do exílio no Líbano Yaqub parece se sentir como um imigrante em sua própria terra e este sentimento pode ser lido como o responsável por sua escolha pelo abandono da família: preterido, Yaqub tem consciência da clara rejeição sofrida na adolescência, não conseguindo se sentir parte da casa. Se o outro o

feriu, por que ele fora o escolhido para se afastar durante longo tempo da sua família, do país natal e da sua língua? Esta pergunta não tem resposta e, sem conseguir conviver com ela, Yaqub migra.

Este segundo deslocamento não poderia ser considerado um exílio por não ter sido imposto *diretamente* por outrem, como é o caso do primeiro (para o Líbano). Contudo, a migração pode ser considerada como consequência do banimento anterior, pois são os sentimentos inerentes à condição de exilado, reconhecidos na personagem quando esta retorna para casa, que o fazem migrar para outro estado: depois de anos em um exílio provocado pela própria família o primogênito retorna fisicamente, mas não consegue resgatar os laços, tornando o retorno pleno impossível.

Como foi visto até aqui, ao tratar da migração, Hatoum optou por focar não a sua motivação material, mas sim aquela imaterial. Assim, se a causa do deslocamento é, na maioria dos casos, de ordem econômica, na trama hatoumniana é a condição psicológica o principal impulso para se deixar a terra natal. Neste contexto, o exílio vivido na adolescência pelo personagem merece relevo, pois parece ter sido a condição responsável por desencadear o sentimento de deslocamento ao retonar ao lar, acarretando a decisão pela migração. Nas palavras de Said “toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado” (apud MÜLLER, 2011, p.44). Yaqub não foi impedido de voltar, mas de permanecer.

A importância da condição de exilado de Yaqub é reafirmada quando se analisa seu percurso: apesar de conseguir ser bem sucedido tanto na área profissional e financeira quanto na amorosa, Yaqub não desiste da vingança e não perdoa sua família, justamente por não conseguir se sentir parte dela:

[Zana] duvidava das próprias palavras, não sabia se havia descaso ou exagero no teor da carta, se o filho ia entender o que ela mais havia pedido: perdão. Dei-lhe o esboço do manuscrito, que ela lia em voz baixa. Numa tarde, sozinha na sala, eu a vi lendo a carta para um Halim imaginário. Depois da leitura, perguntou: Yaqub vai entender? Vai perdoar a mãe dele?

Então, quase um mês depois, Rânia entregou à mãe um envelope que Yaqub enviara à loja. Era uma carta com poucas linhas. Ele não aceitou nem recusou qualquer perdão. Escreveu que o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois, e acrescentou: “oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”. (...) terminou a carta com um abraço, sem adjetivo ou aumentativo. A mãe leu em voz alta essa palavra e murmurou “Eu peço perdão e ele se despede com um abraço”. (HATOUM, 2006, p.171)

Ou ainda na passagem: “Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz. Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar” (HATOUM, 2006, p.93).

Os trechos citados permitem observar o desejo de vingança permanente, inclusive com certo tom de ameaça, além da mágoa pela escolha da mãe, impedindo-o de perdoá-la. Como explica Said:

embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID. Apud CHIARELLI, 2003, p.26).

Desta forma, o sucesso de Yaqub pode ser questionado, pois sua perda também foi irrecuperável, na medida em que ele nunca conseguiu ocupar o lugar do irmão, tampouco se reintegrar à família e à cidade natal. Sua trajetória poderia ser lida como um exílio responsável pela posterior migração. Enquanto o primeiro deslocamento é naturalmente forçado, a espontaneidade completa do segundo pode ser questionada.

3.5. O malandro

Já em Omar, o caçula, pode ser lida certa relação com o típico malandro brasileiro, figura recorrente em nossa literatura e bastante conhecida devido ao ensaio “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido. O crítico analisa o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, centrando-se em grande parte na figura do protagonista, Leonardinho, um típico malandro. Ele analisa o diálogo estabelecido entre a figura do malandro brasileiro e a do pícaro espanhol, remontando ao período do Renascimento e dos romances “picarescos”. Nestes, ~~romances~~ eram os próprios pícaros quem narravam suas histórias, construindo, geralmente, sua imagem com doçura. A malandragem deles era consequência da orfandade ou das condições humildes nas quais viviam e não uma opção de vida. Em outras palavras, eram as necessidades básicas da vida que os levavam da ingenuidade à malandragem (SCHWARZ, *Dialética da malandragem*, 1970), pois não eram intencionalmente maus, mas precisavam sobreviver. Desta forma, se aproveitavam de situações oportunas para garantir seu sustento. Trabalhos considerados baixos, como o de “menino de recados” ou ajudante de cozinheiro, além da prática de pequenos furtos

sem grandes consequências, faziam parte do repertório de atividades exercidas pelos pícaros. Eles viviam numa considerável instabilidade, precisando aprender a se sustentar para sobreviver. Para Schwarz, o modo de vida deles seria uma “espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada” (CANDIDO, 1970, p.3).

Apesar de não existir uma correspondência exata entre as figuras dos pícaros espanhóis e as dos malandros brasileiros, elas se relacionam e dialogam. Estes também costumam se aproveitar de situações oportunas, além de não terem uma imagem fortemente negativa: a doçura ou a sensualidade, em muitos casos, equilibra as más atitudes. Com relação às diferenças, a principal se refere ao motivo pelo qual as personagens são malandras: enquanto nos romances picarescos a necessidade os ensinava, no Brasil as personagens parecem enxergar a malandragem como uma opção de vida.

Frequentemente associado ao preguiçoso, o malandro brasileiro recriado em nossa literatura almeja, em geral, ter benefícios sem grandes esforços, ou seja, o estudo e o trabalho não são prioridades. Em *Memórias de um sargento de milícias*, Leonardinho, o protagonista malandro, abandona seus estudos e passa a vida cometendo travessuras e aproveitando-se de oportunidades, como por exemplo, a de tornar-se coroinha. Contudo, o seu interesse não era na religião, tampouco no serviço da igreja:

Pelo hábito de freqüentar a igreja tomara conhecimento e travara estreita amizade com um pequeno sacristão, que, digamos de passagem, era tão boa peça como ele; (...) O nosso futuro clérigo [Leonardinho] tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepeliz, e feito também sacristão, ter a toda hora à sua disposição quantos caniços quisesse, ter por sua e de seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o turíbulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na ocasião da missa. Oh! Isto era um sonho de venturas! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte destes prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearam-se-lhe os desejos, e começou a confessá-los ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a igreja, para a qual, dizia ele, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno via furo aos seus projetos.
— Eu bem dizia... pensava consigo; não tem dúvida, vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução última, e propôs ao padrinho que o fizesse sacristão.

— Isso seria muito bom, disse ele, a fim de acostumar-me para quando for padre.

A princípio a idéia deslumbrou o padrinho, porém mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o menino e comprometer a sua dignidade futura. Afinal porém tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno, que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e saía da escola, poupando assim as remessas diárias de bolos. (ALMEIDA, 2006, p.136-7)

Como foi visto, Leonardinho tenta se favorecer em diversas situações, mas o motivo de sua malandragem não é a necessidade de sobrevivência. Inclusive, ele teve acesso aos estudos e poderia até mesmo ter se tornado padre, caso não preferisse a vida menos responsável.

A astúcia pode ser também identificada no conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto. O conto narra a história de um homem com dificuldades financeiras que encontrou um anúncio informando a procura de um professor de javanês. Apesar de não ter nenhum conhecimento sobre a língua, Castelo imaginou não haver muitos concorrentes para o cargo. Sendo assim, mesmo conhecendo pouquíssimo da língua poderia se passar por um especialista. Sem pestanejar, o homem seguiu à biblioteca para concretizar seu plano. Castelo foi bem sucedido, pois além de conquistar o cargo, tornando-se professor de javanês, foi convidado para representar o Brasil em congressos internacionais sobre linguística, escrever artigos sobre a língua para jornais e nomeado cônsul em Havana. Ou seja, o personagem enriqueceu e ganhou fama por saber se aproveitar de uma situação propícia, sem qualquer esforço ou trabalho responsável, já que ele nunca aprendeu realmente a língua javanesa.

Ainda no contexto do trabalho, o romance *Clara dos anjos*, de Lima Barreto, pode também ser citado. Como os outros, o personagem Cassi também não se dedica aos estudos, tampouco almeja um emprego estável:

Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. *É um tipo bem brasileiro.* (grifo meu. BARRETO, 1961, p.53-4)

Ao contrário da responsabilidade, prefere as facilidades, sem grandes obrigações:

Com os galos, fazia todas as operações possíveis, a fim de ganhar dinheiro; barganhava-os, com "volta", vendia-os, chocava as galinhas, para venda dos frangos a criar e educar, presenteava pessoas importantes, das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas, contra a polícia e a justiça.

Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar todas as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, trigoilho, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham bouba ou gosma. (grifo meu. BARRETO, 1961, p.53)

Outro romance brasileiro no qual o protagonista pode ser lido como malandro é *Macunaíma*, narrativa de Mário de Andrade. No anti-herói homônimo podemos reconhecer características do típico malandro, uma vez que ele se aproveita de situações favoráveis e de sua astúcia, enganando diversas pessoas em prol da realização de seu desejo: resgatar o “muiraquitã”, amuleto de sua amada falecida. Macunaíma é também extremamente preguiçoso e não apresenta predisposição ao trabalho duro, mas às oportunidades fáceis:

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro: passou mais de seis anos não falando. Sio incitavam a falar exclamava: If — Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada.”] Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiano o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. (ANDRADE, 1984, p.9)

Nesta narrativa há ainda outras características frequentes nos personagens lidos como malandros, como a sensualidade. A imagem deles parece ser cuidadosamente construída com um misto de manha e ardil, resultando em um encanto responsável por conquistar muitos à volta deles. Conhecida como “lábria”, a fala e o jeito próprio do malandro atraem diferentes mulheres, como é o caso de Macunaíma. O índio trai o irmão Jiguê mantendo relações sexuais com sua companheira em mais de um momento:

No outro dia pediu pra Sofará [companheira de Jiguê] que levasse ele [Macunaíma] passear e ficaram no mato até a boca da-noite. Nem bem o menino tocou no folhíço e virou num príncipe fogoso. Brincaram. Depois de brincarem três feitas, correram mato fora fazendo festinhas um pro outro. Depois das festinhas de cotucar, fizeram a das cócegas, depois se enterraram na areia, depois se queimaram com fogo de palha, isso foram muitas festinhas. (ANDRADE, 1984. p.12-3)

Comportamento semelhante pode ser reconhecido em Cassi, personagem já citado:

Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas. (BARRETO, 1961, p.45-6)

Cassi vivia uma vida boêmia e festeira, sempre envolvido nas noites com música e mulher. O malandro seduz uma série de garotas, fazendo-as acreditar na verdade de seu amor – por meio de cartas *aparentemente* apaixonadas – e se entregar a ele. Muitos filhos seus não foram reconhecidos e mulheres desamparadas. Ainda assim, outras garotas se encantavam por seu jeito:

Clara não ocultava o seu desapontamento; e uma de suas colegas lhe dizia em confidência:

- Clara, toma cuidado. Este homem [Cassi] não presta.

A moça não respondia, encaminhava-se para a sala de jantar, a fim de disfarçar a emoção, simulando ir beber água.

(...) Entrou. Houve um estremecimento que percorreu os convivas, como um choque elétrico. Todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas. Nem César Bórgia, entrando mascarado, num baile à fantasia, dado por seu pai, Alexandre VI, no Vaticano, causaria tanta emoção. Se não disseram: "É César! É César!" - codilharam: "É ele! É ele!" (BARRETO, 1961, p.77-8)

Observando este panorama, podemos perceber em conhecidos malandros da nossa literatura a predominância de características como a astúcia, a preguiça e a sensualidade. Segundo Maria Eneida Rosa, a malandragem seria constituída pela

“‘preguiça’ (vadiagem), a ‘sensualidade’, a ‘astúcia’, o ‘caráter popular’, a ‘origem humilde’, a ‘individualidade’ e, por fim, o conceito de ‘hibridação’” (ROSA, 2008, p.34). E assim como a figura do indígena reconstruída no capítulo “Domingas” faz parte da construção da identidade nacional, a figura do malandro também está no imaginário popular, integrando a identidade do brasileiro, como mostra Rosa (2008):

O malandro, mesmo marcado pela tentativa de equilibrar-se na corda bamba que balança tanto para o lado do bem quanto para o mal, acabou por constituir-se numa espécie de patrimônio nacional. Logo, é possível afirmarmos que ele faz parte da formação da nossa identidade. (ROSA, 2008, p.14).

Embora a leitura de Rosa⁵ sobre o malandro não dialogue diretamente com aquela dos personagens analisados no presente trabalho – visto que ela o associa aos indivíduos relegados à margem da sociedade, encaminhados para a malandragem por necessidade – ambos os malandros partilham características no que tange ao comportamento, como foi visto. Desta forma, nossa malandragem, tal como recriada literariamente, pode ser lida também como uma opção, e não apenas como um imperativo imposto por circunstâncias da vida.

Neste âmbito, Omar, o gêmeo caçula da narrativa hatoumniana, pode ser lido como malandro, pois, sendo pela astúcia ou pela acomodação, ele não tem responsabilidades, tampouco obrigações. Sua rotina era alternada entre a bebida, as mulheres e os bailes; o sono, a ressaca, os cuidados e os mimos por parte de Zana, a mãe, e de Domingas, a empregada. As características dele dialogam com aquelas dos personagens malandros analisados brevemente acima, consolidando a hipótese de sua leitura como um deles, como será analisado detidamente.

⁵ Na visão de Rosa, o malandro é fruto da trajetória social e histórica vivida no Brasil, país no qual certos grupos – como o dos escravos libertos e seus descendentes – foram marginalizados. O malandro teria surgido juntamente com a emergência do capitalismo, após o final da escravidão, quando os escravos, agora libertos, perderiam seu lugar na sociedade.

Omar não era financeiramente independente como o primogênito, tampouco contribuía para o aumento da renda familiar. Ao contrário, ao longo de toda a vida ele foi sustentado pelo dinheiro provindo do pai, da mãe e até mesmo do irmão. Durante considerável tempo quem pagava suas despesas era Halim, seu pai, com o dinheiro dos negócios da família, mesmo sem que Omar colaborasse de qualquer forma neles. Contudo, durante um momento de instabilidade financeira, quando a família foi socorrida pelo primogênito, Omar teve seus “caprichos” financiados pelo irmão, aceitando seu dinheiro apesar de todas as desavenças existentes entre eles. O dinheiro vinha intermediado pela mãe, mas o Caçula conhecia sua origem e para esta parecia fechar os olhos:

Às vezes, quando o filho se penteava diante do espelho da sala, a mãe se aproximava dele, cheirava-lhe o pescoço, e enquanto ele se arrepiava, vaidoso e possuído pelo amor materno, ela arrumava-lhe a gola da camisa; depois a mão de Zana descia, apertava o cinturão, e nesse momento dava um jeito de enfiar um maço de cédulas no bolso da calça. O Caçula preferia ignorar que parte daquele dinheiro vinha de São Paulo. (HATOUM, 2006, p.99)

Além da referida acomodação – ou preguiça – Omar também sabia se aproveitar de situações oportunas, atitude típica dos malandros. Como exemplo podemos citar a viagem de Omar para São Paulo, por “sugestão” dos pais: “Foi só depois do episódio da Mulher Prateada que Halim decidiu mandar Omar para São Paulo” (HATOUM, 2006, p.69); “Halim se aproximou do filho: ‘Vais estudar em São Paulo, vais ter que dar duro que nem o teu irmão...’” (HATOUM, 2006, p.79). Ou ainda no trecho a seguir:

Então Zana fez de tudo para convencer o filho doutor a hospedar o filho farrista. “Ele quer se enganchar com uma sirigaita da Maloca, uma dançarina que se exibiu na noite do meu aniversário. Se ele não passar um tempo em São Paulo, vai abandonar tudo: os estudos, a casa, a família”, escreveu ao engenheiro. (HATOUM, 2006, p.78)

Omar viaja, mas não permanece em São Paulo como desejavam os pais. Após roubar dinheiro do irmão, rouba também o passaporte e viaja para outro país. Ou seja, se aproveita de uma viagem praticamente imposta e, fingindo aceitar, usa a situação para se favorecer: não rouba apenas o dinheiro, mas também os documentos, sem os quais

não conseguiria entrar em outro país, provavelmente. Desta forma, a viagem serve para lhe facilitar a fuga e não para o amadurecimento, como almejavam os pais, revelando o caráter ardiloso do personagem.

Ao retornar para o Brasil o Caçula comunica a admissão em um novo emprego. Porém, novamente dissimula. O emprego não era um cargo no banco, como ele anunciara, mas um trabalho ilegal. Omar se envolve no tráfico, contrabandeando produtos estrangeiros:

Zana ia ao porto todas as manhãs. Sem ser vista, viu várias vezes o filho. Não no porto, mas no armazém onde a muamba era empilhada e depois desviada para um destino incerto. Descobriu o destino e a origem. A muamba era transportada nos navios da BoothLine, Omar conferia tudo no armazém número nove e saía sozinho no conversível, enquanto as piabas da rede levavam a mercadoria para uma chácara. Chocolate suíço, roupas e caramelos ingleses, máquinas fotográficas japonesas, canetas, tênis americanos. Tudo o que naquela época não se via em nenhuma cidade brasileira: a forma, a cor, a etiqueta, a embalagem e o cheiro estrangeiros. (HATOUM, 2066, p.104)

Sem formação acadêmica ou mesmo escolar – pois após ser expulso do colégio na adolescência ele decidira abandonar os estudos –, Omar não tem como prioridade conseguir um emprego, optando menos pela responsabilidade do que pela facilidade. Nesse âmbito, ignorava a prática do trabalho e preferia se aproveitar da sorte e do descuido alheio, como Leonardinho e Cassi, que também não se dedicaram aos estudos ou à procura de um trabalho decente.

Além da preguiça e da astúcia, Omar também se assemelha aos malandros no que se refere às mulheres. Como Cassi, ele frequentava a vida noturna ativamente. Participava de festas e bailes, bebendo e provavelmente usufruindo da companhia das mulheres. Algumas ganham referências explícitas na narrativa, como Dália, Pau-Mulato e Mulher Prateada, todas se relacionando espontaneamente com ele. Em relação à presença feminina na vida de Omar deve-se considerar também Domingas, a empregada da casa. Contudo, não sem levar em conta a natureza da relação entre eles, forçada, já que Omar a estuprou. Neste contexto reconhecemos, além das muitas semelhanças entre os malandros estudados até aqui, algumas diferenças também. Apesar de o contato com diferentes e numerosas mulheres ao longo da vida os personagens Leonadinho, Cassi e

Macunaíma seduziam as mulheres, ou seja, agiam de modo a atraí-las, sem usar da força física, deixando a decisão do consentimento para elas:

(...) [Cassi] não empregava violência nem ato de força de qualquer natureza, ele, na sua singular moral de amoroso-modinheiro, não se sentia absolutamente criminoso, por ter até ali seduzido cerca de dez donzelas e muito maior número de senhoras casadas. (BARRETO, 2012, p.165)

Já Omar apela à violência, obrigando uma mulher a ter relações sexuais com ele, postura diferente daquela usualmente praticada pelos malandros. Apesar de podermos reconhecer nele as características consideradas comuns ao tipo, Omar apresenta um lado obscuro e violento nem sempre presente na figura do malandro. Geralmente conhecidos pela leveza e pelo riso fácil, os personagens citados aparecem na maioria das situações transmitindo alegria e conquistando as pessoas com sua lábia. Contudo, o malandro de *Dois irmãos* apresenta um lado trágico e violento. A sensualidade, o aproveitamento de oportunidades e a preguiça não parecem promover nele a mesma satisfação que nos outros. Ao contrário, o Caçula parece sempre irritado, como se a opção por esse estilo de vida não fosse exatamente atribuída ao gosto por este comportamento, mas à inércia e ao medo de tentar algo novo e não ser bem sucedido, como o irmão.

Seguindo este caminho, Omar dialogaria com a figura de Macunaíma, Leonardinho e Cassi, todos podendo ser lidos como malandros, mesmo sem apresentarem origem humilde e sem necessitarem lançar mão das práticas típicas da malandragem para sobreviver. A astúcia, a preguiça e a sedução, elementos fundamentais no típico malandro, são presentes nas quatro obras, *Macunaíma*, *Memórias de um sargento de milícias*, *Clara dos anjos* e *Dois irmãos*, mostrando a malandragem como uma opção de vida. Porém, mais uma vez Hatoum opta por retomar um tipo da literatura brasileira para recriá-lo de modo diferente, concedendo-lhe novas características, como a violência.

3.6. O[s] imigrante[s]

É também possível realizar outra interpretação, referente à leitura dos irmãos em conjunto, na qual se ressalta a origem de ambos: descendentes de libaneses. Tanto o pai como a mãe vieram do Oriente no início do século XX, quando se intensificou a imigração para o Norte do Brasil devido, principalmente, ao Ciclo da Borracha na

Amazônia. Halim e Zana eram árabes e ao se instalarem no Brasil não só passaram a conviver com a cultura amazônica, como também contribuíram para ela, trazendo novos elementos.

A abordagem da imigração árabe no romance aliada às outras nacionalidades também citadas⁶ desconstrói a usual formação brasileira defendida em algumas narrativas românticas, nas quais o povo brasileiro seria basicamente a mistura entre índios e europeus, ignorando em grande parte a presença dos negros africanos no território nacional. Desta forma, *Dois irmãos* parece dialogar mais com a leitura Modernista, como aquela apresentada em *Macunaíma*, na qual a busca por uma origem fixa e uma definição de “brasileiro” são questionadas e satirizadas.

A narrativa reafirma a inexistência do “brasileiro”. Existem *os brasileiros*, pois estes estão em constante construção, não sendo uma matéria pronta ou fixa determinada nos séculos passados. Tal fato será melhor explorado no próximo tópico, quando a figura de Nael, o filho de um dos gêmeos com a índia Domingas for analisada.

⁶ “Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo” (HATOUM, 2006, p.36)

4. NAEL

Muitos agregados são frutos de relações extraconjugais entre patrões e escravas ou patrões e empregadas. É este o caso de Nael, o narrador de *Dois irmãos*, nascido da relação entre a empregada Domingas e um dos gêmeos, filhos dos donos da casa. Ao longo da narrativa são feitas sugestões acerca da paternidade de Nael, podendo este ser filho de Yaqub como resultado da relação consentida e desejada por Domingas ou de Omar, em decorrência de um estupro. Sem ser assumido como filho por qualquer um dos dois, Nael vive como Domingas: à margem. O narrador não pode opinar nem integrar legitimamente a família, mas vive próximo a ela, observando de perto os passos de cada um. Nael parece herdar o lugar da mãe, sendo também um agregado da casa principal. Porém, a sua figura apresenta certas particularidades, merecendo atenção especial.

4.1. Contexto histórico da figura do agregado

O surgimento do grupo dos dependentes remonta ao período colonial – avançando até os dias de hoje – devido principalmente à ordem latifundiária e escravocrata que predominava no Brasil, como mostra Roberto Schwarz em seu texto “Ideias fora de lugar” (SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, SP: Duas cidades/Editora 34, 2012). Um tipo de dependente bastante conhecido em nossa literatura é o agregado, considerado pelo crítico como a caricatura deste homem livre do século XIX (SCHWARZ, 1981 p.16). O grupo dos dependentes era composto por homens livres que não atingiram autonomia econômica, principalmente pela preferência dos latifundiários em utilizar a mão de obra escrava em detrimento do trabalhador assalariado. Neste contexto, os empregos eram escassos e os homens livres, que geralmente não possuíam terras, ficavam à margem da sociedade, dependendo do favor de outrem para sobreviver (FRANCO, 1974, p.14).

Como a motivação dos donos de terra era o lucro, o Brasil poderia já ser considerado um país capitalista. Porém, Schwarz mostra em seu texto a incompatibilidade das ideias econômicas liberais europeias em um país escravocrata, já que em sua base encontramos o trabalhador assalariado e não o escravo, como ocorria em nosso país naquela época. Contudo, mesmo após a abolição da escravatura, quando tais ideias poderiam ser efetivamente praticadas, a situação não sofreu grandes alterações: aliando a falta de terra em poder dos escravos libertos à necessidade do

trabalho nos latifúndios, muitos deles acabavam permanecendo nas terras de seus antigos senhores, trocando sua força de trabalho por teto e alimento. Não eram mais escravos, ou seja, passavam a integrar o grupo dos homens livres, mas não conseguiam exercer a liberdade a eles conferida. Ao contrário, mantinham-se sob a custódia dos latifundiários, ainda que sob uma nova forma de submissão, menos opressora: a dependência pela troca de favores, resultando, na maioria dos casos, na posição de agregado.

Neste contexto, a relação entre os donos de terras e os homens livres era em sua maioria esta de dependência, pautada na troca de favores, pois em muitos casos isto se mostrava conveniente não só para o agregado, mas até mesmo para o latifundiário. Devido à grande extensão de suas terras, os senhores nem sempre conseguiam ocupá-la por completo, tampouco produzir na mesma. Desta forma, interessavam-se em agregar homens livres, pois estes ficariam responsáveis pela segurança, impedindo a invasão; pelo trabalho em determinada faixa de terra, mantendo o cuidado e a produtividade; e também o apoiariam na esfera política. Em troca, os agregados ganhariam teto; alimento – pois utilizava a terra concedida para produção de subsistência – e a proteção do senhor.

Na mesma situação dos homens destituídos de terras e da maioria dos escravos libertos se encontravam muitos filhos bastardos. Apesar de serem partes da casa não podiam ser tratados como filhos por serem ilegítimos e teriam o mesmo futuro da mãe: o trabalho servil em troca de alimento e teto, ou seja, sem salário ou qualquer outro direito. Desta forma, o grupo dos homens livres é constituído por diversos tipos de pessoas, mas com pouca divergência em seus destinos: a maioria se tornava dependente de outras famílias, agregando-se a elas.

Nael, narrador de *Dois irmãos*, pode ser lido como agregado por depender dos favores da família para qual sua mãe trabalha. Ele já nasceu nesta condição por ser filho bastardo de um dos gêmeos, donos da casa, e não ter condições de se sustentar, já que sua família era apenas sua mãe, empregada sem salário. Assim, ele reside no limiar entre a casa e seu exterior, fazendo parte da família, mas sem ser tratado como tal. Ele pode habitar o mesmo terreno, comer da mesma comida, relacionar-se amistosamente com seus membros, mas sempre obedecendo servilmente, sem direito à negação. Sua própria vida precisa ser relegada em favor da vida de seus senhores, como é percebido no trecho abaixo, no qual Nael tem seus estudos prejudicados, por ser obrigado a realizar tarefas insignificantes no horário das aulas:

Ela [Zana] comprava fiado, só pagava no fim do mês, desconfiava de mim [Nael] e de todo mundo. Ralhava: "Não era isso que eu queria, volta correndo e traz o que te pedi". Eu tentava argumentar, mas não adiantava, ela era teimosa, se sentia melhor quando dava ordens. Eu contava os segundos para ir à escola, era um alívio. Mas faltava às aulas duas, três vezes por semana. Fardado, pronto para sair, a ordem de Zana azarava a minha manhã na escola: "Tens que pegar os vestidos na costureira e depois passar no Au Bon Marché para pagar as contas". Eu bem podia fazer essas coisas à tarde, mas ela insistia, teimava. Eu atrasava as lições de casa, era repreendido pelas professoras, me chamavam de cabeça-de-pastel, relapso, o diabo a quatro. Fazia tudo às pressas, e até hoje me vejo correndo da manhã à noite, louco para descansar, sentar no meu quarto, longe das vozes, das ameaças, das ordens. (HATOUM, 2006, p.65)

A liberdade de Nael, assim como a de tantos outros homens livres presentes na literatura brasileira, pode ser questionada quanto a seu total exercício quando se analisa esta relação de necessária submissão existente entre os agregados e seus provedores, como será melhor estudado no próximo item. Podemos concluir, então, que o grupo dos agregados dependentes surgiu em decorrência do passado latifundiário e escravocrata do Brasil, configurando a família brasileira de um modo próprio, como mostra Schwarz (1998, p.68), pois ela passa a ser formada por relações não só sanguíneas, mas também por relações de agregação e favor, resultando na convivência da família com agregados, comadres e empregados, ou seja, dependentes de um modo geral. Muitas famílias assim se mantêm até os dias atuais como mostram os romances de Hatoum, lendo a Manaus do século XX.

4.2. O agregado na literatura brasileira

O agregado é uma figura recorrente na literatura brasileira, principalmente nos romances do século XIX, pois funcionavam como retrato da sociedade e da época. Eles são geralmente tratados de duas formas: há aquelas narrativas nas quais os agregados e dependentes são o protagonista e têm os olhos do narrador relevantemente voltados para sua história, como ocorre com Guiomar, no romance *A mão e a luva*, e Capitu, em *Dom Casmurro*, ambos machadianos; e aquelas nas quais os agregados e suas opiniões não ganham tanto espaço nem são expostos de modo direto, como é o caso de Dona Plácida, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e de José Dias, em *Dom Casmurro*. Ao contrário, estes são levados em consideração no enredo na medida em que contribuem para o interesse do narrador, que normalmente não tem como foco a

construção da identidade e da história do agregado, ainda que estes sejam fundamentais para o desenvolvimento da narrativa.

Mesmo não sendo protagonistas, estes últimos também têm lugar de destaque em várias obras de Machado de Assis. Porém, dificilmente suas são vozes diretamente reproduzidas: seus pensamentos, opiniões e desejos são sempre mediados pelo narrador, que contará ao leitor apenas o pertinente para a história narrada. Ou seja, o grau de aparição e de relevo do agregado nos romances geralmente também *depende* de alguém.

No caso de José Dias, agregado na casa principal do romance *Dom Casmurro*, sua personagem ganha papel de importância por ser responsável pela descoberta e pelo alerta à mãe de Bentinho sobre a paixão existente entre o garoto e a vizinha, Capitu. Ainda que sua opinião a respeito da possível relação entre os jovens apareça, pode-se considerar sua voz limitada, pois a personagem não pode expressá-la livremente sem pensar no resultado que esta trará a sua vida. Isto é, deve refletir se a exposição da opinião é adequada, pois ela pode trazer consequências negativas ao agregado, caso desagrade o provedor. Desta forma, em muitos casos as opiniões pessoais dos agregados não aparecem no romance pela expressão livre por meio da voz deles próprios; em outros casos elas são transmitidas ao leitor, mas mediadas pelo narrador – mesmo quando este é também um personagem.

Em outros casos é necessário até mesmo ignorar o próprio modo de pensar para manter-se na dependência do outro, como acontece com Dona Plácida, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, também machadiano. Ela precisa abdicar de princípios e valores para acobertar a relação extraconjugal existente entre Brás Cubas e Virgília, como será melhor examinado no decorrer do texto.

A principal diferença do tratamento entre as personagens lidas como agregadas até o momento seria decorrente do modo pelo qual eles entraram na casa mantenedora. Em *A mão e a luva*, Guiomar tinha família e por ela fora criada até a juventude, quando a mãe falecera. A garota passou a morar com a madrinha, ou seja, alguém com quem já tinha certos laços familiares. Ela apenas se agrega à madrinha no espaço entre a infância vivida com a mãe e a vida ao lado do marido, que tem obrigação de sustentá-la, como era o costume no século XIX, período da narrativa. A história é centrada no seu jogo de cintura – pois o trabalho de Guiomar era saber ser a filha perdida da baronesa – para conseguir escolher com quem deseja casar sem magoar a madrinha, da qual dependia durante aquele período. Caso não fosse bem sucedida ou não optasse por esta alternativa, provavelmente continuaria vivendo com ela, ainda que de modo não tão

agradável. Ou seja, a estadia e o sustento de Guiomar não dependiam de uma troca de favores.

Já Capitu, em *Dom Casmurro*, não chega a constituir uma agregada. Ela também tem família e, apesar das diferenças socioeconômicas entre esta e a de Bentinho, não dependia absoluta e diretamente da casa dele. Para sua família era vantagem contar com a ajuda e o apoio da outra e, apesar de a relação entre os vizinhos ter sua espontaneidade questionada por José Dias⁷ e esta dúvida ser reafirmada por Dona Glória⁸ – ainda que não intencionalmente – a relação entre os vizinhos era amistosa. Por isso, pode-se dizer que a família mais pobre contava com o auxílio da outra e mesmo suspeitar da existência de cálculos e interesses nessas relações, mas não afirmar que houve uma troca direta de favores.

No caso de Nael, narrador do romance *Dois irmãos*, ele tem uma vida nascida na agregação, ou seja, nasceu na casa de seus mantenedores como agregado e seu sustento depende de sua postura. A relação de amizade não antecede a relação de agregação, mas sua entrada na casa já pressupõe uma troca de favor, como é o caso de José Dias, em *Dom Casmurro* e Dona Plácida, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Guiomar e Capitu mantinham relações amistosas com a família da qual dependiam, utilizando aqui o termo com reservas. Aquela é afilhada antes de ser agregada e Capitu consolida a amizade com o casamento, relações que parecem lhes conferir certo grau de autonomia.

Seguindo este caminho, Hatoum optaria por dar espaço aos homens livres mais marginalizados, ou seja, para aqueles que são absolutamente dependentes, tendo seu sustento e teto dependendo de uma troca de favor, como José Dias e Dona Plácida nos livros de Machado de Assis. Este tipo de agregado não costuma ser figura central na literatura, tampouco narrar sua própria história ou mesmo a da família a qual se agregam, expressando através da fala – ou da escrita – seu olhar. Segundo vimos até aqui, a voz deste agregado é intermediada pelo filtro do narrador, que mesmo tendo

7 “(...) a pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corressem de maneira, que...Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhes que todos têm a alma cândida”. (ASSIS, 2006, p.7)

⁸ Apesar de dona Glória discordar da opinião de José Dias, talvez o narrador concorde, pois a fala seguinte dela é reproduzida da seguinte maneira: “Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. (...) não se esqueça que foram criados juntos, desde aquela grande enchente, há dez anos, em que a família do Pádua perdeu tanta coisa; daí vieram as nossas relações.” (idem, ibidem).

acesso aos pensamentos dos dependentes, exterioriza pela sua voz apenas o que julga pertinente. Isto decorre possivelmente da leitura da realidade feita por muitos autores, pois nesta os agregados constituem, na maioria das vezes, um grupo no qual o pensamento e a voz não correspondem: esta é limitada, pois vem moldada pela adequação à opinião e ao pensamento do outro seu provedor.

Considerando a relação não espontânea predominante entre agregado e provedor, cabe observar e analisar diferentes personagens da literatura brasileira do século XIX e XX para que se possa melhor examinar a figura de Nael.

4.3. As relações entre o agregado e seu mantenedor

Como nos mostram os romances do século XIX e algumas análises teóricas, como as do crítico Roberto Schwarz (SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. SP: Duas cidades/Editora 34, 2012), a convivência entre o agregado e seu mantenedor geralmente é pautada no excesso de agrado por meio do elogio; na impossibilidade de expressar livremente a opinião; em um “jogo de cintura” calculado, quando o agregado almeja manter sua personalidade sem alterar sua opinião própria, mas também sem afastar as pessoas que lhe interessa. Assim, é possível identificar em obras literárias consagradas ao menos três comportamentos:

1. O primeiro se fundamenta no elogio constante ou na bajulação, pois é importante sempre manter a autoestima do outro, agradando-lhe, e evitar a competição ou a rivalidade, mostrando a consciência de seu lugar inferior, de dependência, como é o caso de José Dias, em *Dom Casmurro*;
2. O segundo refere-se à ausência de opinião própria, já que esta não deve desagradar ao “senhor” ou interferir nos interesses dele, prejudicando a posição do dependente. Ou seja, a necessidade do “senhor” é prioridade em relação à opinião do agregado, como ocorre também com José Dias, acima referido, e com Dona Plácida, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*;
3. O terceiro baseia-se no “jogo de cintura”, referindo-se ao difícil equilíbrio daqueles que, como Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, são dependentes de certo modo, mas querem manter sua personalidade; como ocorre também com Guiomar, a protagonista de *A mão e a luva*.

No quesito bajulação pode-se observar a obrigação auto-imposta por alguns agregados em manter um comportamento sempre pensado, pois o agrado ao dono da casa deve ser suficientemente equilibrado para que não seja óbvio demais ou exagerado,

a ponto de se tornar invasivo, nem muito singelo, para não passar despercebido. Assim, os dependentes devem tomar cuidado até na hora de elogiar, para que o ato não se torne constante e a intenção demasiadamente explícita, resultando em um exagero desagradável. José Dias, o agregado da casa de Bentinho, em *Dom Casmurro*, é um exemplo consistente de todo esse movimento calculado, como quando “ria largo, se era preciso” (ASSIS, 2008, p.20), ou seja, obrigava-se a rir quando conveniente e necessário para agradar aos donos da casa de modo suave e quase imperceptível. Tal frase evidencia a falta de liberdade deste grupo, pois até mesmo a risada, algo supostamente espontâneo, devia vir no momento certo, na medida adequada, assim como grande parte de suas atitudes, pensadas e calculadas: “as cortesias que fizesse [José Dias] vinham antes do cálculo que da índole” (ASSIS, 2008, p.22).

Apesar de toda a tentativa de transmitir naturalidade em seu comportamento é possível notar em alguns momentos certo exagero na bajulação por parte de José Dias. Este é o caso, por exemplo, da reprodução em um quadro de “quatro palavras de louvor” (ASSIS, 2008, p.21) presentes no testamento deixado pelo dono da casa, mostrando a extrema gratidão à família por ter sido lembrado em um momento tão particular: “Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. ‘Esta é a melhor apólice’, dizia ele muita vez” (idem). Desta forma, ele vai construindo sua personalidade humilde e respeitosa em relação à família, mostrando o reconhecimento da importância desta em sua vida.

A relação entre eles teve início quando a personagem chegou à casa apresentando-se como boticário e tratou de escravos doentes, curando-os. Grato, o pai de Bentinho o convidou para morar com a família e cuidar de outros doentes quando fosse necessário, sendo evidenciada a relação de troca natural à relação entre agregados e proprietários. Mesmo após revelar que não era boticário José Dias foi mantido na casa, justamente por saber se fazer necessário, ajudando nas decisões familiares, mas sem ser intrometido, já que expressava apenas as opiniões que agradariam aos donos da casa, ou seja, “sabia opinar obedecendo” (idem). Logo, tinha uma suposta opinião, pois esta vinha moldada no discurso certo, no momento conveniente, colocando-o em uma corda bamba: precisava se fazer presente e necessário, mas sem se mostrar intruso.

Todo este movimento astucioso de agradar, opinar, mostrar-se consciente de seu lugar e fazer-se necessário pode ser lido em um único trecho:

“Contava [José Dias] muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós [família de Bentinho, o narrador], já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo”. (ASSIS, 2008, p.22).

Um leitor sagaz percebe a insignificante probabilidade de José Dias ter condições de morar na Europa, pois sem emprego remunerado não teria como se sustentar. Contudo, fingindo ter esta escolha mostra a sua permanência na casa como opção e não necessidade, saindo assim aparentemente do âmbito do favor. Desta forma a família se sente elogiada, priorizada e valorizada. Além disso, José Dias ainda coloca a família apenas abaixo de Deus, agradando duplamente a mãe de Bentinho, senhora extremamente religiosa: primeiro por priorizar Deus; segundo por priorizar sua família. Assim, cada pequeno diálogo com o agregado é permeado de frases calculadas (cf. SCHWARZ, 2012) que agradam, mas ditas de modo natural, encaixando-o quase perfeitamente àquela família.

Apesar de podermos considerar bem sucedido todo o seu movimento e cálculo, estes não passam despercebidos. O narrador da história é o próprio Bentinho, dono da casa e, portanto todos os comentários nos quais a análise foi baseada são ditos por ele. Porém, apesar de perceber o movimento, Bentinho o aprova, aceitando cada cálculo sem demonstrar interesse pelos reais pensamentos e desejos do agregado, reafirmando a hipótese até aqui considerada: os agregados aparecem, mas suas vozes são cuidadosamente construídas por eles, moldando sua adequação a cada situação, além de geralmente aparecerem pelo filtro de outro olhar e por meio de outra voz.

Já em *Memórias póstumas de Brás Cubas* pode-se observar a questão referente à ausência da opinião do agregado nos romances ou a impossibilidade de manifestação da mesma, particularmente em Dona Plácida, cujos princípios morais precisam ser abandonados por necessidade. No referido romance o protagonista Brás Cubas tem sua paixão por Virgília correspondida, mas precisa se limitar ao lugar de amante já que esta prefere ao amor a vida na alta sociedade, proporcionada por outro pretendente com o qual se casa. Para poderem se encontrar sem grandes preocupações o casal de amantes aluga uma casa em um lugar afastado do convívio social de ambos. Contudo, precisavam de um disfarce, isto é, de alguém que não só cuidasse, como também morasse na casa. Neste contexto Virgília se lembra de Dona Plácida e a convida para desempenhar tal função: “Convencionou-se que iria morar ali uma mulher, conhecida de

Virgília, em cuja casa fora conselheira e agregada” (ASSIS, 2008, p.92). Dona Plácida fora agregada da casa de Virgília desde sua infância por não ter meios de sustento, pois nasceu como fruto da relação ilegítima entre um sacristão e uma religiosa e, portanto, não fora assumida e sustentada pelo pai. Ao longo de sua vida ela se negou a aderir às sugestões de sua mãe, como prostituir-se ou manter relações extraconjugais para colaborar com a renda familiar. Não conseguiu se casar em decorrência de sua origem duvidosa e manteve sua dignidade até a velhice, quando precisou abdicar de seus princípios e acobertar o caso de uma mulher casada para sobreviver: “Medianeira não era melhor que concubina, e eu [Brás Cubas] tinha-a baixado a esse ofício, a custo de obséquios e dinheiro” (idem). Ou seja, neste romance o narrador tem consciência da dor causada por ele na agregada, deixando que o leitor conheça seus sentimentos, aparentemente menos por compaixão ou por interesse em ajudá-la e mais para ressaltar a dificuldade da posição deste grupo sem opção. Dona Plácida não pode agir coerentemente com seu pensamento e caso decida por expressar sua opinião acerca da situação, discordando da mesma, arriscaria seu sustento. Em outras palavras, sua voz não pode ser expressa livremente e sua opinião não pode interferir diretamente em seu comportamento. Ela precisa se submeter a condições com as quais não concorda devido à sua dependência, abdicando não só de opiniões, mas também de princípios e valores em troca de “esmolas”, por necessidade de sobrevivência: “fiz-lhe um pecúlio de cinco contos (...) foi assim que lhe acabou o nojo” (ASSIS, 2008, p.94).

Ou seja, o fato de ela ser agregada a coloca em posição de submissão, próxima à dívida eterna: Virgília a ajudava sempre e, sem outra pessoa com quem pudesse contar na vida, dona Plácida provavelmente temia arriscar qualquer rompimento na relação. Acabava aceitando todos os pedidos sem hesitar para garantir o apreço.

A própria Domingas, da narrativa *Dois irmãos*, pode ser reconhecida neste contexto, como foi visto no primeiro capítulo e pode também ser lido neste trecho: “[Nael] Não entendia por que minha mãe não o destratava [Omar] de vez, ou pelo menos não se afastava dele. Por que tinha que aturar tanta humilhação? (HATOUM, 2006, p.152)

Em relação ao “jogo de cintura” citado no último tópico vale analisar o comportamento de Guiomar no romance machadiano *A mão e a luva*. A personagem de origem humilde é criada por sua madrinha, baronesa e rica. Sem herança nem perspectiva de emprego – pois não era normal que as mulheres trabalhassem na época na qual se ambienta a história, século XIX – resta-lhe a opção de conseguir um bom

casamento. Guiomar tem personalidade forte e deseja ascender socialmente, porém suas decisões não devem desagradar à madrinha, pois seu sustento depende dela. A ambição obstinada da garota aliada a sua situação de dependente a torna calculista e até fria em determinados momentos. Seus movimentos são, como em José Dias, calculados, mas no presente caso sem deixar que o desejo dos outros predomine sobre os seus. Guiomar usa da retórica para saber ser a filha perdida da madrinha, conquistando seu amor e, conseqüentemente certa liberdade, já que o afeto entre elas provavelmente promoveria uma preocupação da madrinha em relação à sua felicidade, dando espaço para a opinião de Guiomar acerca de seu pretendente. A narrativa apresenta à afilhada três partidos: Estevão, Jorge e Luís Alves. O primeiro é demasiado apaixonado, o do meio é um primo, escolhido pela madrinha como o partido ideal, e o último é o escolhido por Guiomar, que não está à procura apenas do amor, mas também – e talvez principalmente – de ascensão social: capital e fama. Isto apenas Luís Alves, eleito deputado, podia oferecer. Para não desagradar à madrinha e arriscar se prejudicar Guiomar opta por aceitar aparentemente a sugestão desta, mas articula certas conversas e situações de modo a permitir que ela tome conhecimento de seu desejo. O objetivo de Guiomar ao planejar a situação é suscitar na madrinha um sentimento de admiração e reconhecimento à honra e ao respeito demonstrados pela sobrinha, já que ela abdicaria de seu “real” sentimento para seguir a preferência da tia. O movimento de Guiomar é arriscado, mas muito calculado e bem sucedido. Após Jorge, seu primo e pretendente desejado pela madrinha, pedir sua mão em casamento, Guiomar se retira com a desculpa de “refletir no pedido” e pode, sozinha, extravasar seus verdadeiros sentimentos de cólera e pensar em uma solução:

A cólera acabara, mas veio depois a luta entre a gratidão e o amor- entre o noivo que lhe propunha a afeição da madrinha e o que o seu próprio coração escolhera. Ela nem ousava tirar as esperanças à baronesa, nem imolar as suas próprias - e uma de duas coisas era preciso que fizesse naquela solene ocasião. O que sentiu e pensou foi longo e cruel; mas se tal duelo podia travar-se-lhe na alma, não era duvidoso o resultado. O resultado devia ser um. A vontade e a ambição, quando verdadeiramente dominam, podem lutar com outros sentimentos, mas hão de sempre vencer, porque elas são as armas do forte, e a vitória é dos fortes. Guiomar tinha de decidir por um dos dois homens que lhe propunha o seu destino; elegeu o que lhe falava ao coração. (ASSIS, 2009, p.139)

Todo o capítulo XVIII (“A escolha”) mostra os cálculos de Guiomar (cf. SCHWARZ), induzindo e manipulando sua madrinha para que a baronesa escolhesse o pretendente por ela, mas satisfazendo seus desejos. Do capítulo podemos destacar o seguinte momento:

- Escolho... o Sr. Jorge, suspirou Guiomar depois de alguns instantes.

A baronesa estremeceu.

- Falas sério? Não creio; não é esse o sentimento do teu coração. Vê-se que não é. Queres iludir-me e a ti também. Percebo que não o amas; não o amaste nunca. Mas amas ao outro, não é? Que tem isso? Não me dá o prazer que eu teria se... Que importa, se fores feliz? A tua felicidade está acima das minhas preferências. Era um sonho meu; desejava-o com todas as forças; faria o que pudesse para alcançá-lo; mas não se violenta o coração - um coração, sobretudo, como o teu! Escolhes o outro? Pois casarás com ele.

Vê o leitor que a palavra esperada, a palavra que a moça sentia vir-lhe do coração aos lábios e querer rompê-los, não foi ela quem a proferiu, foi a madrinha; e se leu atento o que precede verá que era isso mesmo o que ela desejava. Mas por que o nome de Jorge lhe roçou os lábios? A moça não queria iludir a baronesa, mas traduzir-lhe infielmente a voz de seu coração, para que a madrinha conferisse, por si mesma, a tradução com o original. Havia nisto um pouco de meio indireto, de tática, de afetação, estou quase a dizer de hipocrisia, se não tomassem à má parte o vocábulo. Havia, mas isto mesmo lhes dirá que esta Guiomar, sem perder as excelências de seu coração, era do barro comum de que Deus fez a nossa pouco sincera humanidade; e lhes dirá também que, apesar de seus verdes anos, ela compreendia já que as aparências de um sacrifício valem mais, muita vez, do que o próprio sacrifício. (ASSIS, 2009, p.145)

Após analisar os comportamentos de diversos agregados, enfocaremos a questão da origem desta situação, ou seja, a causa da dependência. Neste contexto, há certa semelhança entre Nael e Dona Plácida, pois ambos são filhos de relacionamentos ilegítimos e, portanto, não têm a paternidade reconhecida: a primeira entre um sacristão e uma sacristã, e o segundo entre a empregada e seu patrão. Resta a eles a posição de agregado por serem filhos bastardos sem uma família com meios de sustentá-lo. Já José Dias é homem livre e forja uma profissão por não conseguir emprego. Guiomar é órfã e se torna dependente da tia por não ter herança e também pelo costume da época, segundo o qual as mulheres raramente trabalhavam fora de casa.

Apesar de algumas semelhanças nas construções das figuras dos dependentes das narrativas machadianas e hatoumnianas a essencial diferença é o modo como estes aparecem, pois enquanto Machado de Assis mostra as atitudes dos agregados e o movimento empreendido por eles de fora, Hatoum dá voz a este grupo, colocando um agregado como narrador, o qual deixa transparecer seus pensamentos e, principalmente, seus sentimentos. Logo, se naquele o exterior olha para o agregado – a imagem do agregado era transmitida ao leitor pela perspectiva de outras personagens ou narradores, que não eram dependentes –, em *Dois irmãos* é o agregado quem olha para o exterior, ou seja, a história passa a ser narrada pela perspectiva de um dependente, que deixa de ser olhado, para olhar.

4.4. O dependente ganha voz

A figura do dependente aparece não só na obra machadiana, como foi analisado no último item, mas também em outras obras literárias brasileiras, como: *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *Infância*, de Graciliano Ramos. Nestas últimas os dependentes aparecem como personagens secundárias ou até insignificantes, sendo apenas citadas, como é o caso de *Infância*.

Como temos visto, o autor contemporâneo Milton Hatoum traz também a temática do dependente. O assunto poderia ter sido esquecido, uma vez que a sociedade escravocrata teve fim com a incorporação paulatina do liberalismo econômico. Supõe-se que aos poucos o mercado foi sendo aberto e os homens livres passaram a ter lugar e oportunidade. Porém, a manutenção de tal temática na literatura atual aliada à entrevista concedida pelo próprio autor⁹ a respeito da influência da realidade e da experiência em sua criação literária, coloca em dúvida o fim da existência do grupo dos agregados, ou seja, a relação de troca entre dependentes e mantenedores parece ainda existir, provavelmente como herança daquele período.

Nael, narrador de *Dois irmãos*, é fruto da relação entre um descendente de imigrante libanês e uma índia, sendo o primeiro um dos filhos dos donos da casa e a segunda a empregada da família. Desta forma, Nael acaba ocupando o mesmo lugar de

⁹ Hatoum disserta sobre a relação entre experiência de vida e ficção em uma entrevista no livro *Arquitetura da Memória- Ensaio sobre os romances dois irmãos, relato de um certo oriente de Milton Hatoum*. Manaus: EDUA, 2005; e também no texto *Laços de parentescos: ficção e antropologia*, publicado na Revista da Amazônia, em 2005.

sua mãe, Domingas, vivendo no limiar entre a escravidão e a dependência. Porém, é ele quem narra não só a sua história, mas também a de toda a família na qual fora criado. Ou seja, a história é contada sob a ótica do agregado e sua voz passa a ser ouvida diretamente, sem o filtro do narrador, e expressa livremente, sem a preocupação com a relação de agrado decorrente da dependência.

Contudo, a escolha de um narrador agregado tem certas implicações. Sua posição próxima o suficiente da família para tomar conhecimento das questões internas resulta em uma visão privilegiada. Sem estar diretamente envolvido, ele acaba assistindo a grande parte das situações da vida íntima da família e, inevitavelmente, formula opiniões:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu [Nael] mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final. (HATOUM, 2006, p.23).

Porém, sem poder interferir diretamente, o descompasso entre o que os agregados pensam e o que eles falam cresce: sabem de muito, se incomodam, mas precisam conter sua voz. Esta não deve ser expressa não só pela compatibilidade ou não com a opinião dos donos da casa, mas também por demonstrar certa invasão em sua privacidade. Os agregados não são integrantes legítimos da família e, portanto, não devem sentir-se na liberdade de intervir nos assuntos pessoais referentes a ela, ainda que habitem no mesmo espaço.

Neste contexto, Nael se diferencia dos habituais agregados, pois ao longo da infância cresceu limitando-se à observação, optando por guardar sua opinião para si, na maioria das vezes, como é o caso em relação aos gêmeos. Consciente da ausência do maniqueísmo no comportamento deles e discordando de ambos em momentos diferentes, Nael não assume qualquer posição. Porém, na adolescência, apesar de saber que não deve se envolver nos assuntos familiares, ele ganha um ouvinte, com quem pode, inclusive, desabafar: o avô Halim. Assim, enquanto muitos agregados da nossa tradição literária funcionam como espectadores de uma história da qual fazem parte, pois veem e percebem, mas não falam livremente, Nael se destacaria não só por ser narrador de um livro, ou seja, por ganhar voz sem o filtro de outra pessoa ao optar por escrevê-lo, mas principalmente por ganhar um ouvinte ao longo de sua própria vida,

alguém com quem pode falar livremente sua opinião, sem medo de perder espaço: “Tive vontade de arrastar o Caçula até o igarapé mais fétido e jogá-lo no lodo, na podridão desta cidade. Disse isso a Halim, tive coragem de dizer isso quando ele acabou de contar a história da Pau-Mulato” (HATOUM, 2006, p.134).

Devido à presença frequente da figura do agregado nos romances de Hatoum algumas observações são pertinentes: a primeira seria referente à permanência desse grupo nos dias de hoje. Ainda que tenha se passado mais de um século da abolição da escravidão e a presença de latifúndios tenha diminuído com a crescente urbanização, os dependentes parecem ainda ter presença marcante em nosso país.

Sobre a voz deste grupo à margem da sociedade observa-se que, diferentemente das obras de outros autores, as de Hatoum são narradas pelos agregados, que ganham voz não só em *Dois irmãos*, mas também em *Relato de um certo Oriente*. Uma das primeiras vezes na história da literatura brasileira – se não a primeira – os agregados deixam de depender de outras pessoas também para narrar sua história. Eles ganham liberdade para expor seu pensamento e sua opinião sem a necessidade usual de agradar ou o medo de ser prejudicado. Em *Dois irmãos*, a história narrada é focalizada pelo olhar do agregado e a transmissão é feita por sua voz, como foi visto. Através do discurso – tanto oral como escrito – Nael tenta compreender sua identidade e preencher lacunas do passado, pois desconhece seu pai. Paralelamente ele reconstrói o passado da família na qual fora criado, narrando a desintegração dela.

Com relação à estrutura da narrativa, tanto o passado da família da casa como o de sua mãe lhe é transmitido em grande parte pelo testemunho do avô Halim e pelo de Domingas, transcritos na narrativa em discurso direto, indireto livre ou ainda parafraseados. O narrador não se identifica, cabendo ao leitor descobrir sua relação com a família. Todos estes elementos aliado ao tempo cronológico não respeitado resultam em um relato confuso, por vezes. As vozes e os tempos se misturam, demonstrando uma tentativa de reconstrução da história através de retalhos, que não se unem somente para formar a narrativa, mas também o passado do narrador. A lacuna na identidade de Nael parece se materializar na construção da narrativa, refletindo em sua escrita, na qual também existem lacunas (por exemplo, a paternidade do narrador, nunca revelada ao leitor).

Estendendo a análise da estrutura da narrativa para outras obras de Hatoum pode-se perceber uma gradação entre os três romances escritos por ele – *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*. A gradação se daria na relação entre o

distanciamento do narrador em relação à casa principal e a organização do texto: em *Relato*, criada como parte da família, a narradora, uma filha adotiva, tem acesso a praticamente todas as situações e problemas vividos na casa. Apesar de ser adotada e criada como filha, ela parece não se sentir parte da família como os outros, filhos legítimos. No limiar entre *ser* da família e *estar* na família há lacunas que ela não consegue superar, ao que parece, pois decide partir. Mesmo longe de casa ela não consegue seguir sua vida normalmente, precisando retornar e questionar os membros ainda vivos, numa tentativa de reconstrução do passado e preenchimento de lacunas. O relato se constitui por diversos depoimentos, cartas e vozes de diferentes pessoas, sem identificações explícitas, resultando na aparente desorganização do texto, que parece estar relacionada à fragilidade da narradora.

Em *Dois irmãos*, Nael é criado no mesmo espaço da família, mas não como parte dela. Neste limiar ele participa dos acontecimentos de modo mais passivo, olhando de fora – inclusive o seu quarto é no mesmo terreno da casa dos patrões, mas não dentro desta. Tem acesso a quase todas as informações e acontecimentos, escuta os desabafos do avô e as brigas da casa, conseguindo formar opiniões. Dessa forma, o seu relato em busca de sua identidade, por meio da reconstrução de seu passado, é também feito através do relato de terceiros, porém, todos transmitidos ao leitor pela voz de Nael, e geralmente identificados, revelando maior organização do texto apesar da pluralidade de vozes.

Já em *Cinzas do Norte* a história é contada por Lavo, melhor amigo do protagonista, Mundo. Apesar de a narrativa trazer elementos da vida do narrador a trama é centrada neste último. Externo à problemática central, o relato de Lavo é claro e, apesar de misturar vozes, elas geralmente vêm identificadas. Sua personalidade e identidade são expostas sem grandes suspenses e as lacunas mantidas ao longo da narrativa são desvendadas ao final. É este o caso da revelação do verdadeiro pai de Mundo, o protagonista, diferentemente do que ocorre em *Dois irmãos*, pois, como foi visto, Nael guarda o nome de seu pai para si. Por não se tratar de sua própria história talvez seja mais fácil e menos doloroso para o narrador expor a trama.

Ainda sobre as diferenças entre as narrativas machadianas anteriormente apresentadas e as de Hatoum, pode-se ler na figura dos agregados a formação de certa expectativa em relação ao comportamento deste tipo de dependente: há uma conduta e um modo de falar esperado de acordo com o lugar e a posição social ocupada. O agregado aparece na maioria das vezes hesitante, receoso, “pedindo licença” ou

manipulando e calculando seus passos. Pelo cálculo ou pela submissão, muitos acabam aceitando opiniões e decisões sem realmente concordar com elas, como foi visto na escolha de Guiomar pelo pretendente desejado pela madrinha em detrimento à sua preferência; na abdicação de princípios por Dona Plácida; e no cuidado de José Dias em agradar e bajular Dona Glória.

Hatoum parece desconstruir esta expectativa ao dar voz aos agregados, mudando este discurso e permitindo ao leitor o acesso não só aos sentimentos do narrador, mas principalmente a vazão deste com o filtro apenas do próprio agregado, ou seja, ele ganha autonomia para decidir o que é relevante e pertinente para sua narrativa; ganha o direito de ser independente ao menos na narração de sua história. Não só o enfoque à situação deles é permitido, mas principalmente o enfoque por parte deles. Porém, apesar de todo o subjetivismo expresso, não há caracterização física. Talvez pelo fato de a história ser narrada em primeira pessoa, talvez pelo fato de reconstruir uma pessoa com lacunas no passado, devido principalmente à ausência – ou abandono – dos pais, que pode resultar em fissuras na identidade.

4.5. A “brasilidade” de Nael

Retomando a leitura romântica acerca da formação do povo brasileiro, exposta no primeiro capítulo, pretende-se analisar a contribuição de Hatoum para esta questão, recorrente em nossa literatura. Como vimos, muitos autores românticos acreditavam que a miscigenação do índio com o europeu teria dado origem à “raça dos brasileiros”. Já no período conhecido como “Pré-modernismo”, a questão da formação do povo brasileiro se fez ainda presente em textos ficcionais, mas passou a ser vista de outra forma: três grupos originários de diferentes continentes seriam a base para a formação do brasileiro, que acabou sendo, ainda que num primeiro momento, considerado o resultado da mistura entre as descendências indígena, africana e europeia. Em 1902 Euclides da Cunha publica *Os sertões*, livro no qual defende a ideia o brasileiro ser formado por estes três grupos. No Modernismo, Mário de Andrade parece satirizar tal visão, como mostra a obra *Macunaíma*.

Porém, a formação do povo brasileiro não pode ser reduzida à mistura de dois ou três grupos específicos. Como se sabe, muitos imigrantes também vieram se estabelecer em diferentes partes do Brasil em diversas épocas, como os italianos, os japoneses e os árabes. Os imigrantes trouxeram, naturalmente, elementos próprios de seu país e muitos deles acabaram sendo incorporados pelo povo brasileiro, em constante construção.

Nael, narrador de *Dois irmãos*, está claramente na posição de agregado, como foi visto, sendo a figura mais complexa do romance. Ele nasce da relação entre uma índia e um brasileiro descendente de imigrante libanês, podendo ser considerado a fusão de culturas e países diferentes. Nascido em solo brasileiro, é nativo, mas fortemente influenciado por uma cultura estrangeira.

Nesta narrativa há a manutenção da ideia de o brasileiro ser uma mistura, mas ampliando esta noção. Neste movimento a narrativa mostra que o nosso povo é o resultado de muitas culturas que *ainda* se misturam. Os brasileiros não constituem um povo fixo formado no passado, durante a colonização apenas, crescendo sem a influência de outros povos. Os elementos provenientes da cultura de grupos diferentes estabelecidos no Brasil, como os italianos, os japoneses e os árabes, com os quais os nativos brasileiros mantêm relações, ainda resultam em mudanças, mostrando que a nossa cultura está em constante construção.

Nesse contexto, a narrativa hatoumniana se insere na discussão acerca da formação e da identidade brasileira, preocupação existente desde o Romantismo, revisitada no Modernismo. Hatoum parece dialogar mais com *Macunaíma*, romance escrito em 1928, no qual Mário de Andrade já questionava aparentemente até que ponto o brasileiro poderia ser resumido na simples fórmula da mistura dos elementos branco, negro e índio. Como se sabe, a narrativa traz a história de um índio chamado Macunaíma. Curiosamente sua pele é “negro retinto”, mas passa a ser branca em determinado momento do romance, ao mergulhar em uma fonte mágica. Ou seja, Macunaíma era um índio, com a pele semelhante a dos negros e posteriormente branca. Os três elementos considerados geralmente como base do brasileiro são condensados de modo aparentemente forçado em apenas um brasileiro. A proposta de uma leitura crítica poderia entender tal atitude como um questionamento acerca da leitura recorrente da identidade do brasileiro, tentando mostrar pelo exagero que este não poderia ter sua identidade fixada. *Dois irmãos* também parece se inserir nesta, mostrando outra leitura e discordando, aparentemente, da visão simples e idealizada criada principalmente no século XIX. Nos romances hatoumnianos o país não deixa de ser considerado lugar de mistura, como é mostrado em *Cinzas do Norte*, quando o narrador descreve um apartamento habitado por Mundo: “o apartamento em Brixton... uma bagunça, gente de tudo que é lugar, país... branco, preto, mulato...Aquele bairro parecia um Brasil (HATOUM, 2005, p.290)”. Porém, a narrativa indica que a mistura inclui outras

culturas, como a oriental, e, principalmente, está em constante movimento, não sendo jamais encerrada, fixada.

5. CONCLUSÃO

As personagens criadas por Milton Hatoum, em *Dois irmãos*, estabelecem fortes diálogos com figuras e tipos sociais recorrentes em nossa literatura, como é o caso de Domingas, a empregada de origem indígena. A narrativa retoma a temática do índio, bastante presente em obras literárias tradicionais brasileiras, principalmente no período conhecido como “Romantismo”, mas desconstruindo a visão idealizada defendida neste. Desta forma, a criação da índia contribui para a discussão acerca da presença dos índios em nossa literatura, relendo-a e mostrando uma realidade pouco disseminada: o índio como vítima da humilhação e subjugação do outro, dialogando com outros grupos sociais marginalizados.

Já Yaqub, o gêmeo primogênito, quando lido como migrante também contribui para o aumento das possibilidades da migração, associada, em sua maioria, aos retirantes nordestinos – principalmente no século XX, durante o período literário conhecido como “Geração de 30”. Apesar de ser atraído para a mesma região que muitos outros personagens fictícios, ele o é por motivos diferentes, de ordem psicológica, e não econômica, revelando a preferência do autor por focar as questões imateriais, no lugar daquelas materiais. Ainda sobre o primogênito, ele dialoga com as posições de exilado e migrante, mas a primeira é que se destaca: o exílio realizado pela própria família parece ser o motor da posterior migração de Yaqub.

No caso de Omar, como vimos, há o diálogo com a figura de muitos malandros recriados em nossa literatura, principalmente no que se refere à malandragem como opção de vida, e não resultado da necessidade. Porém, o malandro hatoumniano é também criado com características relevantemente diferentes daqueles outros analisados no decorrer do trabalho. A violência e a maldade fazem parte do seu repertório, distanciando Omar da leveza geralmente presente em outros malandros, que se aproveitam de situações oportunas para se favorecerem, mas não para prejudicarem outrem. Já o Caçula parece aliar a oportunidade para si à maldade com o irmão, revelando um lado trágico.

Enfim, Nael é a figura central da narrativa não apenas por ser o narrador, mas principalmente por ser um dependente-narrador. Ele ganha a oportunidade de se expor, sem o usual filtro empregado nos romances do século XIX. Apesar de nascer agregado e crescer nesta condição, Nael é, curiosamente, a única figura bem sucedida da trama. Ele a observa inicialmente calado e, posteriormente, passa a compartilhar algumas

impressões e opiniões com o avô Halim. Ele ganha um ouvinte em sua vida e muitos em sua narrativa. Sabendo usufruir de cada oportunidade a ele oferecida, Nael consegue se formar profissionalmente e, longe de todos da casa central da narrativa, tem uma vida bem sucedida. Um dos fatores contribuintes para esta independência conquistada pode ser justamente a liberdade a ele concedida: o narrar. A força do discurso é conhecida desde a antiguidade, com Sherazade, por exemplo, figura central d'*As mil e uma noites*, pois narra para sobreviver. Talvez Nael não narre para sobreviver, mas para ter vida; para preencher lacunas; para recuperar o passado e encarar a realidade e, de alguma forma, conseguir superá-la. Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin, é preciso “Lembrar Escrever Esquecer”¹⁰.

Em todos os diálogos lidos na narrativa, a inserção da obra na discussão acerca da formação e da identidade do brasileiro se sobressai, pois pode ser lida não apenas em Domingas ou Nael, como também nos outros personagens analisados. Hatoum contribui para a visão de que não se cria ou define “uma raça brasileira”. Nosso povo nasce das misturas constantes, inevitáveis e incontroláveis: o próprio relacionamento da Índia com dois descendentes de imigrantes mostra, nas entrelinhas, a existência de duas possibilidades de relacionamento: seja por vontade própria, seja forçada, não há como evitar a relação entre pessoas que convivem. Assim, não há como controlar ou definir o que ou quem é o verdadeiro brasileiro, uma figura em constante construção.

¹⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo: Editora 34 Ltda., 2006.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARISTÓTELES. “Arte poética”, in *A poética clássica*, SP: Cultrix, 2005.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*, SP: Cia das Letras, 1989; 2008.
- _____. *Dois irmãos*, SP: Cia das Letras, 2006.
- _____. *Cinzas do Norte*, SP: Cia das Letras, 2005.
- _____. *A cidade ilhada*, SP: Cia das Letras, 2009.
- _____. Trilha. *Metáfora*. SP: Segmento, n 3, 2011.
- _____. Laços de parentesco: ficção e antropologia. *Raízes da Amazônia*, Amazônia: INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, vol. 1, n. 1, agosto/2005.
- ASSIS, Machado. *Esaú e Jacó*, Saraiva de bolso - Nova fronteira: RJ, 2011.
- _____. *Dom Casmurro*, SP: Martin-Claret, 2008.
- _____. *50 Contos*, Companhia das Letras: SP, 2007.
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, SP: Martin-Claret, 2008..
- _____. “A parasita azul”, in *Histórias da meia-noite*. SP: Martin-Claret, 2009.
- _____. *Contos*. SP: Objetivo/CERED (Centro de Recursos Educacionais), 1997.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. RJ: Editora Record, 1994.
- CECCARELLO, Vera Helena Piccolo. *A alegoria do dualismo brasileiro na obra “dois irmãos”, de Milton Hatoum*. SP: Unicamp. Dissertação de mestrado IFCH, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. SP: Global Editora, 2006.
- FISCHER, Luis Augusto. “Um narrador, dois irmãos e o retrato do povo brasileiro”, in *Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2310200015.htm>, acesso em 19/03/2013.

CHIARELLI, Stefania. “Cousas futuras! Machado, predecessor de Hatoum”, RJ: UFF/FAPERJ. Disponível em:
http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Cousas%20futuras!%20Machado,%20predecessor%20de%20Hatoum.pdf. Acesso em: 19 Jun. 2013.

_____. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. SP: Annablume, 2007.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007.

MEGID, Daniele Maria. *À roda de Brás Cubas: literatura, ciência e personagens femininas em Machado de Assis*. Tese (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, SP, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. SP: Duas Cidades, 1998.

_____. *Ao vencedor as batatas*. SP: Duas cidades/Editora 34, 2012.

_____. *Ao vencedor as batatas*. SP: Duas cidades, 1981.

_____. *Ao vencedor as batatas*, Editora 34: RJ, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala em quadrinho*. SP: Global, 2005.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. RJ: Paz e Terra, 1984.

BIRMAN, Daniela.” Irmãos inimigos: duplos em Machado e Hatoum”, in *I Seminário Machado de Assis*, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:
http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Irm%C3%A3os%20inimigos-%20duplos%20em%20Machado%20e%20Hatoum.pdf. Acesso em: 02 maio 2013.

_____. *Entre-narrar: Relatos da fronteira em Milton Hatoum*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”, in *Revista do Instituto de estudos brasileiros*- USP, n. 8, São Paulo, 1970.

CHAGAS, Pedro Dolabela. “Após a nacionalidade: história do romance e produção romanesca no Brasil e na América Latina”, in *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 38, Brasília, julho-dezembro de 2011, p. 41-59.

FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*, SP: Editora Ática, 1974.

VIOTTO, Estrela Dalva Amoedo. “Escravas fieis: a construção da personagem serviçal doméstica na narrativa de Milton Hatoum”, in *O regional como questão da contemporaneidade: olhares transversais*, 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea. UNIR – Vilhena, RO, 23-25 maio 2012.

ROSA, Maria Eneida Matos. *O malandro brasileiro: do fascínio ao rancor*, Porto-Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 2008.

CRISTINO, Leandro Nascimento. “A malandragem como emblema nacional”, *Soletras*, ano IX, nº 17 – Suplemento São Gonçalo, UERJ, 2009.

BARRETO, Lima. *Clara dos anjos*, SP: Brasiliense, 1961.

_____. SP: Penguin Classics Cia das Letras, 2012.

_____. “*Um homem que sabia javanês*”, Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000153.pdf> . Acesso em: 03 mar. 2013.

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, SP: Círculo do Livro, 1984.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*, SP: Ateliê Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto; OLIVEIRA, Antonio Tadeu. *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2011.

SOUZA, Márcio. “Modernidade e Atraso, ou Reescrevendo ‘E o Vento Levou’”, in *Revista da Amazônia*, 2005.

CAMINHA, Pero Vaz. “Carta a El Rei D. Manuel”, SP: Dominus, 1963. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2013.

BALDO, Luiza Maria Letz. “A identidade nacional: matizes românticos no projeto modernista”, in *Revista Boitata*, vol. 1, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-1-2006/Artigo%20Luiza%20Baldo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MÜLLER, Fernanda. *A literatura em exílio: uma leitura de **Lavoura arcaica**, **Relato de um certo Oriente** e **Dois irmãos***, Florianópolis, 2011.

CRISTINO, Leandro Nascimento. “A malandragem como emblema nacional”, in *Soletras*, ano IX, nº 17 – Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009.

PIRES, Murilo José de Souza; RAMOS, Pedro. “O Termo Modernização Conservadora: sua origem e utilização no Brasil”, in *REN - Revista Econômica do Nordeste*, vol. 40, nº 3, julho - setembro de 2009. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1140. Acesso em: 19 set. 2013.

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*, RJ: Jose Aguilar, 1959.

“Índios do Brasil” – FUNAI. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em: 13 out. 2013.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro, RJ: Sabiá, 1967.